

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A QUALIDADE CONJUGAL E O PERFIL DISCRIMINANTE DE SUJEITOS EM
SITUAÇÃO DE CONJUGALIDADE

Dissertação de Mestrado

Juliana Szpoganicz Rosado

Porto Alegre, maio de 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A QUALIDADE CONJUGAL E O PERFIL DISCRIMINANTE DE SUJEITOS EM
SITUAÇÃO DE CONJUGALIDADE

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Adriana Wagner.

Juliana Szpoganicz Rosado

Porto Alegre, maio de 2014

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas fizeram parte da minha história no mestrado durante esses dois anos. Tenho por elas um afeto especial, e gostaria de registrar meus mais sinceros agradecimentos:

À minha orientadora, professora Dra. Adriana Wagner, pela oportunidade, inspiração, carinho e paciência oferecidos durante toda a trajetória do mestrado, e por compartilhar suas experiências e conhecimento para a realização deste trabalho.

À minha orientadora de trabalho final de conclusão de curso da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), professora Dra. Ana Cristina Dias, por me motivar no trabalho com pesquisa em psicologia e, principalmente, por me apoiar na realização do processo seletivo do mestrado na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), no final de 2011.

Aos professores e pesquisadores: Bernardo Jablonski, Clarisse Mosmann, Denise Falcke, Fábio Scorsolini-Comin, Manoel Antônio dos Santos e Terezinha Féres-Carneiro pelo compartilhamento de estudos a respeito de família, casal e qualidade das relações contemporâneas e, conseqüentemente, pelas valiosas reflexões na elaboração e finalização deste projeto.

Ao professor Dr. Cílio Ziviani, pelo carinho, dedicação e constante colaboração na construção da dissertação.

À professora Dra. Débora Dell’Aglío, pela atenção e cuidado no trabalho de relatoria.

Às professoras Dra. Clarisse Mosmann, Dra. Débora Dell’Aglío e ao professor Dr. Manoel Antônio dos Santos, pelas importantes contribuições oferecidas na Banca de Qualificação.

Às queridas colegas e amigas que tive a honra de conhecer e conviver no Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares, Patrícia, Paola, Bianca, Angélica, Viviane, Carolina, Victória, Lisiane, Marina e Ana Cristina, pelo trabalho em equipe, companheirismo, carinho e amizade.

Aos amigos, especialmente os de Santa Maria – RS, pelo apoio e compreensão nos momentos ausentes e, principalmente, pela busca constante de encontros para reforçar e valorizar os laços de amizade.

Aos amigos que conheci e mantive em Porto Alegre – RS, pelo companheirismo, incentivo, momentos de descontração e por abrir as ‘portas’ da capital para ‘a guria do interior’.

Aos meus amados pais, Antônio e Eveli, e meu irmão, Adriano, por serem minhas raízes, pelo amor e apoio constantes, pelos 400 km de saudade, afeto e respeito.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS E FIGURAS	06
RESUMO	07
ABSTRACT	08
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO II – QUALIDADE, AJUSTAMENTO E SATISFAÇÃO CONJUGAL: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA	11
Resumo	11
Abstract	12
Introdução	13
Método	14
Resultados e Discussão	15
Considerações Finais	20
Referências	22
CAPÍTULO III - QUALIDADE CONJUGAL: O PERFIL DISCRIMINANTE DE ADULTOS EM CONJUGALIDADE	31
Resumo	31
Abstract	32
Introdução	33
Método	36
Resultados	38
Discussão	46
Considerações Finais	48
Referências	50

CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
ANEXOS	58
Anexo A – Termo de Aprovação do Comitê de Ética	59
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	61
Anexo C – Ficha de Dados Sociodemográficos	62
Anexo D – Escala de Ajustamento Conjugal (EAD)	66
Anexo E – Questionário da Conjugalidade dos Pais (QCP)	69

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1 – Eixos com conteúdos associados à qualidade, ajustamento e satisfação conjugal.....	15
Tabela 2 – Correlações entre Fatores da EAD com QCP	39
Tabela 3 – Médias e Desvio Padrão da Qualidade Conjugal por Sexo e Idade ..	40
Tabela 4 – Médias e Desvio Padrão da Qualidade Conjugal por Sexo e Tempo de Conjugalidade	41
Tabela 5 – Médias e Desvio Padrão da Qualidade Conjugal por Sexo e Presença ou Não de Filhos	42
Tabela 6 – Dados Descritivos e Teste T das Variáveis de Diferenciação dos Subgrupos	43
Tabela 7 – Classificação dos Subgrupos de Alta e Baixa Qualidade Conjugal ..	45
Tabela 8 – Matriz Estrutural da Função Canônica Discriminante	45
Figura 1 – Distribuição Geográfica da Amostra	38
Figura 2 – Salário Pessoal Mensal	42

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar a qualidade conjugal nos relacionamentos contemporâneos. Para tal, dois artigos foram elaborados. O primeiro apresenta uma revisão sistemática da literatura com o intuito de mapear o que é investigado como relevante a respeito das temáticas associadas à qualidade, ajustamento e satisfação conjugal. O segundo apresenta um estudo empírico com 1476 sujeitos, no qual investigou-se a associação entre as variáveis idade, tempo de duração da conjugalidade, presença ou não de filhos, salário pessoal mensal, percepção sobre a conjugalidade dos pais e a qualidade conjugal que vivenciam. Uma análise discriminante entre grupos de alta e baixa qualidade conjugal também foi realizada. Os resultados refletem a presença de múltiplos fatores que circunscrevem a qualidade conjugal dos participantes e que expressam a complexidade de investigar e compreender esse fenômeno.

Palavras-chave: Conjugalidade, Qualidade Conjugal, Cônjuges, Relacionamento, Família.

ABSTRACT

The objective of this research was to investigate marital quality in contemporary relationships. To this, two articles were prepared. The first presents a systematic literature review in order to map what is investigated as relevant regarding issues associated with quality, adjustment and marital satisfaction. The second presents a study of 1476 participants in which we investigated the association between the variables age, duration of the marital relationship, presence of children, monthly personal income, perception of parental marital and marital quality that experience. A discriminant analysis between high and low marital quality groups was also realized. The results reflect the presence of multiple factors that circumscribe the marital quality and express the complexity of investigate and understand this phenomenon.

Keywords: Marital, Marital quality, Spouses, Relationship, Family.

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

Investigar as relações conjugais é uma tarefa que envolve estudar uma diversidade de elementos que circunscrevem a vida dos cônjuges. A história da família, as características de personalidade, o nível socioeconômico, as doenças, entre outros fatores pessoais e de contexto, compõem a análise dessa relação complexa. A qualidade conjugal é o produto dessa composição de variáveis conjuntamente com as transformações sociais que têm marcado a vida dos sujeitos ao longo do tempo. A entrada da mulher no mercado de trabalho, as mudanças econômicas, a crise na família tradicional, as novas maneiras de vivenciar a conjugalidade e a ampliação dos papéis de gênero têm alterado a percepção dos indivíduos a respeito de aspectos da vida familiar e do casal. Atualmente, nota-se que a sociedade enfrenta um paradoxo: por um lado há o espaço da conjugalidade, do compartilhar e construir uma família e relações sólidas; por outro, almeja-se cada vez mais a individualidade, competição e independência dos sujeitos. Nesta perspectiva, as relações conjugais desenvolvem-se em um contexto que é atravessado pelos valores tradicionais e contemporâneos, pelo receio de abandonar o ‘velho’ e a ansiedade e imediatismo de alcançar o ‘novo’. Assim, no âmbito conjugal, os sujeitos se deparam com múltiplas formas de se relacionar e estar casado, mas isso não implica diretamente em uma permanência e satisfação das relações amorosas. Frente a essa realidade, alguns questionamentos orientaram o presente estudo: Quais temáticas estão sendo investigadas acerca da qualidade nos relacionamentos contemporâneos? Qual o nível de satisfação dos sujeitos nas conjugalidades atuais?

A partir dessas reflexões, essa pesquisa investigou a qualidade conjugal nos relacionamentos vivenciados na contemporaneidade. Para tal, dois artigos foram elaborados.

O primeiro artigo apresenta uma revisão sistemática da literatura com o intuito de mapear o que vem sendo investigado como relevante a respeito das temáticas associadas a qualidade, ajustamento e satisfação conjugal nos últimos seis anos. Foram analisados 99 artigos na íntegra e formaram-se oito categorias que organizaram as temáticas: *saúde física e mental, determinantes da qualidade conjugal, relação pais-filhos, instrumentos, intervenção na conjugalidade, conjugalidade positiva, clínica de casal e outros*.

Os resultados apontam que há uma necessidade de melhor definir os conceitos que são utilizados nas pesquisas a respeito do ‘ser feliz a dois’. Encontra-se também uma

lacuna nos estudos nacionais a respeito de como esse fenômeno se expressa na população brasileira, com suas peculiaridades. O panorama das pesquisas revela que existem mais estudos sobre as disfuncionalidades da conjugalidade do que aqueles interessados em investigar os aspectos que potencializam a saúde conjugal. Ademais, percebe-se que são fundamentais pesquisas que agreguem a perspectiva clínica e teórica a fim de aprofundar o conhecimento sobre a qualidade dos relacionamentos amorosos.

No segundo artigo, investiga-se a associação entre as variáveis idade, tempo de duração da relação conjugal, presença ou não de filhos, salário pessoal mensal, percepção sobre a conjugalidade dos pais e a qualidade conjugal que vivenciam homens e mulheres em coabitação. Uma análise discriminante entre os grupos de alta e baixa qualidade conjugal também foi realizada. Participaram dessa pesquisa quantitativa *online* 1476 sujeitos de diferentes regiões do país. Os resultados gerais revelam que há uma correlação positiva entre a percepção da conjugalidade dos pais e a qualidade conjugal que homens e mulheres reportam em seus relacionamentos. Os indivíduos que não têm filhos reportam uma maior qualidade conjugal. O salário mensal e o tempo de duração da relação não são associados à qualidade conjugal dos sujeitos. A função discriminante organiza as variáveis de *percepção da conjugalidade dos pais, filhos e satisfação com o trabalho* a favor do grupo de maior qualidade conjugal e a *satisfação com a condição econômica* a favor do grupo de baixa qualidade conjugal. Pode-se constatar que, dentre a complexidade implicada nos relacionamentos conjugais contemporâneos, os modelos vivenciados na família de origem, os aspectos da dinâmica conjugal atual e a vida laboral de cada participante contribuem de forma importante para a qualidade conjugal.

CAPÍTULO II – QUALIDADE, AJUSTAMENTO E SATISFAÇÃO CONJUGAL: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

RESUMO

No cenário atual coexistem diversas formas de ser casal. Frente à complexidade dos elementos que circunscrevem a conjugalidade, torna-se importante investigar o que está associado ao ‘ser feliz a dois’. A fim de mapear o que vem sendo estudado como relevante na compreensão desse fenômeno, realizamos uma revisão sistemática da literatura científica sobre satisfação, ajustamento e qualidade conjugal. As bases de dados PsycINFO e BVS-Psi filtraram 99 artigos, entre 2008 a 2013. A revisão permitiu mapear uma pluralidade de temáticas pertinentes ao tema. O panorama revelou, principalmente, estudos dedicados a compreender as disfuncionalidades e conflitos da conjugalidade. Observou-se uma lacuna em pesquisas dedicadas a estudar possibilidades de otimização e potencialização da qualidade e da saúde conjugal, assim como estudos sobre a prática clínica que subsidiem as possibilidades de intervenções na conjugalidade. Estudos com a população brasileira são escassos, comparados à produção internacional.

Palavras-chave: Conjugalidade, Satisfação conjugal; Ajustamento conjugal; Qualidade conjugal; Saúde Conjugal

ABSTRACT

In the present scenario coexist several ways to be couple. Front complexity of elements that circumscribe conjugality, it's important to investigate what is associated with 'be happy in a couple'. In order to map what is being studied as relevant to an understanding of this phenomenon, it was realized a systematic review of the scientific literature about satisfaction, adjustment and marital quality. The PsycINFO and BVS-Psi database filtered 99 articles between 2008 and 2013. The revision allowed mapping a plurality of themes associated with the topic. The landscape is mainly characterized by studies devoted to understanding the dysfunctions and marital conflicts. A gap in studies about possibilities of optimization and enhancement of the quality and marital health was observe and also was revealed the lack of empirical research on clinical practice in order to subsidize the possibilities of marital interventions. Studies of the brazilian population are scarce, compared to international production.

Keywords: Marital; Marital satisfaction; Marital adjustment; Marital quality; Marital Health.

INTRODUÇÃO

O estabelecimento de um relacionamento conjugal e do casamento são marcos importantes na consolidação de vínculos entre indivíduos. A união conjugal é uma das etapas esperadas ao longo do ciclo de vida e é considerada uma tarefa complexa (Carter & Mcgoldrick, 2011). Ao unirem-se duas pessoas, entrelaçam-se, minimamente, suas heranças familiares, características pessoais e de contexto (Anton, 2000). Sendo assim, o casamento é muito mais que a união de apenas dois sujeitos (Carter & Mcgoldrick, 2011).

Atualmente, tem-se ampliado as possibilidades de constituição do vínculo entre cônjuges e também a flexibilidade na configuração das famílias. Encontram-se referências na literatura a respeito de casais de gays e lésbicas (Julien, Chartrand, & Bégin, 1999; Lomando, Wagner, & Gonçalves, 2011), casais heterossexuais e sem filhos (Ávila, Miranda, & Juárez, 2009; Bavel & Kok, 2010; Sohne & Wendling, 2011; Zordan, Falcke, & Wagner, 2009), casamentos informais (Perlin & Diniz, 2005), o “ficar”, a coabitação (Féres-Carneiro & Ziviani, 2009), entre outras.

De modo geral, as pesquisas nacionais e internacionais têm revelado que a experiência de ser casal está associada positivamente à promoção de saúde mental, física e profissional dos sujeitos, ou seja, à qualidade de vida dos cônjuges (Fincham, 2009; Gottman & Silver, 2007; Kiecolt-Glas et al., 1987; Neto & Féres-Carneiro, 2010; Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004; Scorsolini-Comin & Santos, 2010; Wilhelm & de Oliveira, 2011). Nesse sentido e, considerando a pluralidade de relações amorosas existentes, os estudiosos da área têm investigado, há décadas, os fatores que aumentam ou diminuem a satisfação e a permanência dos sujeitos nos relacionamentos.

As pesquisas sobre o ‘ser feliz a dois’ discutem esse tema baseadas, principalmente, em três conceitos: satisfação conjugal, ajustamento conjugal e qualidade conjugal (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006). Na literatura aparece, ao longo das últimas cinco décadas, uma diversidade de pesquisadores que discorrem sobre esses diferentes termos, como os precursores no estudo dessa temática, Thibaut e Kelley (1959) que consideravam importante nessa avaliação os esforços dos cônjuges para resolver os problemas no relacionamento. Dessa maneira, postularam que os comportamentos positivos do companheiro, geram uma avaliação positiva do casamento, elevando, assim, a satisfação conjugal percebida pelo companheiro na relação. Anos mais tarde, Spanier e Cole (1976) apontaram que o ajustamento conjugal é um reflexo de processos conjugais (compartilhar ideias, desentendimentos), comunicação e os resultados dessa interação.

Nesse sentido, elaboraram o instrumento DAS (Dyadic Adjustment Scale), composto por quatro dimensões (coesão, consenso, afeto e satisfação) que indicam se os cônjuges estão em um bom ou mau ajustamento conjugal. Já Karney e Bradbury (1995) definiram a qualidade conjugal como resultante da interação de três fatores: o contexto, os recursos pessoais dos cônjuges e os processos adaptativos. Assim, a percepção de uma maior ou menor qualidade conjugal seria o resultado destas experiências e processos interativos entre o casal.

Em realidade, não está claro se tais construtos são distintos ou dizem respeito ao mesmo conteúdo, pois ora são utilizados como sinônimos, ora como conceitos diferentes (Fincham e Bradbury, 1987; Scorsolini-Comin & Santos, 2011). Essa divergência entre pesquisadores demonstra a dificuldade em compreender o fenômeno, além de revelar a densidade e as múltiplas facetas dos relacionamentos conjugais.

Visto a complexidade do tema, as transformações sociais e a diversidade de elementos que perpassam a vida a dois, esse estudo teve como objetivo explorar o que vem sendo estudado na literatura científica para a compreensão da qualidade, ajustamento e satisfação conjugal nos seis últimos anos. A partir desse mapeamento, buscou-se atualizar o campo de conhecimento sobre a temática e indicar os caminhos de pesquisas e práticas possíveis à área de família e casal.

MÉTODO

Foi realizada uma revisão sistemática nas bases de dados *PsycINFO* e *BVS-Psi* com os descritores *marital quality*, *marital satisfaction*, *marital adjustment* e qualidade conjugal, satisfação conjugal e ajustamento conjugal. Optou-se por essas duas bases, pois, sendo a primeira internacional e a segunda latino-americana, pôde-se ter uma visão ampliada do panorama das produções científicas realizadas sobre a temática. Em busca de uma literatura recente considerou-se os trabalhos desenvolvidos nos últimos seis anos de pesquisas. Dessa maneira, a revisão filtrou 203 produções científicas entre 2008 e 2013.

Como critérios de inclusão no estudo, foram apreciados: a) artigos que foram acessados na íntegra, sendo excluídas teses, dissertações e capítulos de livros, b) dados da população adulta, c) estudos que abordavam as temáticas de qualidade, ajustamento e satisfação conjugal nos resultados e discussão dos trabalhos e, d) publicações em português, espanhol e inglês.

No total, 99 artigos foram selecionados, sendo 36 encontrados na BVS-Psi, 51 na *PsycINFO* e 12 que apareceram em ambas bases de dados. A leitura deles foi realizada e, a partir da análise, as informações foram organizadas em oito eixos temáticos que reuniram temas afins e pertinentes ao assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No exame dos 99 artigos foram encontradas duas produções nacionais e 97 internacionais, sendo uma em espanhol, duas em português (Portugal) e as demais 94 em língua inglesa. Esse dado aponta para a baixa produção brasileira sobre o tema, em comparação com o alto número de estudos científicos de outros países, especialmente os Estados Unidos, Canadá e Holanda. Congruente a esses achados, notou-se que o número de produções científicas se manteve constante ao longo dos anos, visto que entre 2008 e 2010 foram produzidos 50 artigos e entre 2011 a abril de 2013 produziram-se 49. Essa frequência ratifica a importância dos cientistas em estudar o que circunscreve as relações amorosas e os fatores que aumentam ou diminuem a qualidade dos relacionamentos ao longo do tempo. No entanto, percebe-se neste trabalho, que o investimento de estudos que buscam investigar a saúde da díade conjugal ocorre com prevalência no âmbito internacional. Observa-se, assim, que há uma carência de pesquisas que reflitam as idiossincrasias e demandas da população do Brasil.

Na análise minuciosa dos 99 trabalhos organizaram-se oito eixos com conteúdos afins associadas à qualidade, ajustamento e satisfação conjugal. De fato, percebe-se abaixo na Tabela 1, a diversidade de categorias que aparecem relacionadas ao ‘ser feliz a dois’ nos últimos anos. São elas: *saúde física e mental* (43 artigos), *determinantes da qualidade conjugal* (18 artigos), *relação pais-filhos* (17 artigos), *instrumentos* (8 artigos), *intervenção na conjugalidade* (6 artigos), *conjugalidade positiva* (3 artigos), *clínica de casal* (2 artigos) e *outros* (2 artigos).

Tabela 1.

Eixos com conteúdos associados à qualidade, ajustamento e satisfação conjugal.

Eixos	Base <i>PsycINFO</i>	Base BVS-Psi	<i>PsycINFO</i> + BVS-Psi	Total	%
Saúde física e mental	13	25	5	43	44%
Determinantes da qualidade conjugal	12	4	2	18	18%

Relação pais-filhos	11	5	1	17	17%
Instrumentos	5	1	2	8	8%
Intervenção na conjugalidade	4	1	1	6	6%
Conjugalidade positiva	3	-	-	3	3%
Clínica de casal	2	-	-	2	2%
Outros	1	-	1	2	2%
Total	51	36	12	99	100%

O eixo temático *saúde física e mental* incluiu 44% dos trabalhos e envolveu temáticas tais como doenças e aspectos de conflito na díade. Neste eixo, a maioria dos trabalhos abordou as doenças como fator que afeta negativamente a qualidade do relacionamento conjugal. Como exemplo, podem se citar os trabalhos de Brito & Pereira (2012) e Wattsa, Shermanb, Meisera, Taylorb & Tucker (2011) que enfocaram a temática do câncer como negativamente associado à satisfação na conjugalidade. Além disso, outros trabalhos indicaram vestibulite velvar (Smith & Pukall, 2011), trauma cerebral (Godwin, Kreutzer, Arango-Lasprilla & Lehan, 2011) e transtorno de personalidade borderline (Bouchard, Sabourin, Lussier & Villeneuve, 2010) como fatores prejudiciais a saúde dos relacionamentos. Chama atenção que a maioria das pesquisas analisadas diziam respeito aos aspectos disfuncionais e patológicos associados à qualidade conjugal dos sujeitos. Sabe-se que as enfermidades e elementos de conflitos entre os cônjuges são algumas das variáveis que influenciam na saúde conjugal (Beach, Katz, Sooyeon, & Brody, 2003; Belsky, 1984; Uebelacker, Courtnage, & Whisman, 2003). Todavia, nota-se que ainda há um maior interesse em conhecer o que não funciona, em detrimento daquilo que funciona na conjugalidade. Sair do foco da doença é estudar os recursos saudáveis que a relação conjugal oferece e que pode contribuir para melhorar o funcionamento da díade conjugal. Como aprimorar o que já funciona? Quais fatores positivos podem impulsionar uma relação estável e com melhores níveis de bem-estar? A literatura disponível ainda não respondeu tais questionamentos.

O eixo *determinantes da qualidade conjugal*, representado por 18% dos trabalhos, apontou os fatores biosociodemográficos relacionados à qualidade da experiência amorosa. Dessa forma, indica-se o trabalho de Saxbe, Repetti & Nishina (2008) os quais investigaram que o aumento do nível de cortisol no sangue dos parceiros aumenta a percepção positiva que eles têm da relação conjugal. Ademais, o nível de educação, tempo

de duração da relação e idade dos cônjuges também foram fatores associados positivamente ao ajustamento da qualidade conjugal nos estudos de Allendorf & Ghimire (2013) e Bertoni & Bodenmann (2010). Estes achados vão ao encontro da literatura já existente, a qual aponta a relevância do contexto, os motivos para a escolha do cônjuge, a idade, e o nível socioeconômico (Falcke, 2003; Ferreira, 2003; Griffin, 1993), entre outras variáveis, como importantes na constituição e na manutenção da relação amorosa. Nessa perspectiva, ressalta-se a importância de estudar esse fenômeno de forma circunscrita às características específicas de seu contexto, pois somente dessa forma as investigações poderão resultar em conhecimentos possíveis de gerar intervenções mais afinadas às reais demandas de cada população.

Os estudos que verificam a interação do subsistema conjugal a outros subsistemas também são frequentes e, neste trabalho, 17% das produções científicas versaram sobre o eixo *relação pais-filhos*, ou seja, sobre o núcleo familiar. À exemplo, podem se citar os trabalhos de Stroud, Durbin, Wilson & Mendelsohn (2011) e Hakyoort, Bos, Van Balen & Hermanns (2010) que investigaram a interferência do efeito *spillover*¹ no desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes da família. Ademais, a reverberação que as doenças dos filhos têm na saúde da díade também foi objetivo dos estudos de Ma (2011) e Long & Marsland (2011). Entre outras pesquisas desta categoria, Erich, Kanenberg, Case, Allen & Bogdanos (2009) enfocaram a temática da adoção por casais homo e heterossexuais onde não se observou diferença significativa na satisfação conjugal entre os grupos. Partindo de do construto teórico de que as partes do sistema familiar se inter-relacionam e se interferem mútua e constantemente (Minuchin, 1982), a relação pais-filhos e sua reverberação na conjugalidade apareceu com regularidade nos trabalhos, o que reitera o quanto essa interação é importante para o desenvolvimento dos indivíduos ao longo da vida (Braz, Dessen, & Silva, 2005; Fincham, 2009; Garcia, Marín, & Currea, 2006; Mosmann, 2007; Silva & Lopes, 2012).

Entre os temas estudados, 8% dos artigos versaram sobre as qualidades psicométricas dos *instrumentos* existentes para a mensuração do ajustamento conjugal (Graham, Diebels, & Barnow, 2011; Lawrence et al., 2011; Renshaw, Mcknight, Caska, & Blais, 2010). À exemplo desse eixo, os pesquisadores Gomez & Leal (2008), Santos-Iglesias, Vallejo-Medina, & Sierra (2009) e Shek & Cheung (2008) realizaram pesquisas utilizando o instrumento DAS (Dyadic Adjustment Scale), nas línguas portuguesa,

¹ Efeito *Spillover*: Relação de influência positiva e/ou negativa entre a qualidade da relação conjugal e o relacionamento pais-filhos (Erel & Burman, 1995).

espanhola e chinesa, respectivamente. Já Renshaw, Mcknight, Caska & Blais (2010) demonstraram, através de um estudo empírico, que a escala RAS (Relationship Assessment Scale) pode ser utilizada em outros tipos de relacionamentos que não os conjugais. A partir desses achados, fica evidente a utilização de escalas produzidas em língua inglesa e o esforço dos pesquisadores em adapta-las a outros idiomas e culturas, em detrimento da construção de instrumentos que atendam as diversidades culturais de cada contexto. Nessa perspectiva, torna-se evidente a escassez de ferramentas nacionais de mensuração que investiguem a temática na população brasileira. De fato, os instrumentos que são utilizados com a nossa população são adaptações e validações à nossa língua, como por exemplo, o GRIMS (*The Golombok Rust Inventory of Marital State*, Rust, Bennun, Crowe & Golombok, 1988) traduzido e adaptado para o Brasil por Falcke (2003) e também o DAS (*Dyadic Adjustment Scale*, Spanier, 1976), traduzido e validado por Hernandez (2008). Visto que o cenário nacional apresenta uma multiplicidade de contextos, valores, crenças e tradições (Rios & Gomes, 2009), sugere-se a necessidade de construção e desenvolvimento de escalas que apontem elementos que representam as idiosincrasias da nossa população (Wagner & Mosmann, 2008). Chama atenção que o DAS é uma das ferramentas de avaliação que mais aparece nas pesquisas sobre a temática, no entanto, a sua construção se deu no ano de 1976. Talvez instrumentos mais atuais pudessem refletir de forma mais fidedigna outros componentes que integram a dinâmica conjugal dos casais contemporâneos de nosso contexto.

O eixo *intervenção na conjugalidade* representou 6% das pesquisas sobre o tema e reuniu trabalhos que descreviam diferentes intervenções com sujeitos que vivenciavam uma relação amorosa. À exemplo, Bullard et al. (2010) e Morriss, McMillanb, Duncanc, & Larsonc (2011) investigaram que os casais que buscam as intervenções são aqueles que tem baixa-autoestima, insatisfação com o parceiro e problemas frequentes na comunicação. Além disso, os pesquisadores Owen, Rhoades, Stanley & Markman, (2011) verificaram a importância do vínculo formado entre os instrutores das oficinas e os casais, resultando em uma associação positiva entre aliança terapêutica e satisfação dos cônjuges. Estes resultados, ainda que não tão abundantes, revelam a importância do desenvolvimento de intervenções e estratégias que possibilitem a potencialização da saúde conjugal. Nessa perspectiva entre os trabalhos analisados, 3% dizia respeito a *conjugalidade positiva*, que descrevia as variáveis otimizadoras da satisfação conjugal. Com exemplos, Lawrence et al. (2008) e Stapleton et al. (2012) indicaram o apoio emocional do parceiro como fundamental na avaliação positiva do relacionamento. Além disso, a colaboração em

tarefas domésticas e atividades conjuntas de lazer do casal também foram estratégias positivas encontradas no estudo de Berg, Schindler, Smith, Skinner, & Beveridge (2011).

O eixo *clínica de casal* abordou 2% dos trabalhos envolvendo a temática do tratamento clínico de casais. Dessa maneira, os pesquisadores Rowe, Doss, Hsueh, Johnson & Mitchell (2011) indicaram uma associação negativa entre depressão e ansiedade no tratamento clínico dos cônjuges com a saúde da díade. Já Rowe, Doss, Hsueh, Johnson, & Mitchell (2011) compararam dois grupos, um baseado na terapia de casal e utilização de Viagra para aumento da satisfação conjugal e outro enfocando apenas a utilização de Viagra, sem terapia. Os resultados apontaram para uma maior qualidade na relação quando ocorre o uso concomitante do remédio e do acompanhamento terapêutico. Esse baixo número de estudos revela o distanciamento, ainda existente, entre a academia e o *setting* terapêutico. Essa dicotomia entre psicólogos clínicos e pesquisadores da área somente retardam o avanço que se pode fazer nesses dois campos da psicologia, que tem caminhado de forma paralela (Piccinini, 1996). Nesse sentido, fomentar pesquisas científicas que representem o que acontece nos consultórios e atendimentos torna-se fundamental na ampliação da compreensão sobre a conjugalidade e de como ela se expressa em diferentes contextos.. Esse empreendimento, certamente, reverberaria na transformação e atualização de teorias que iluminam a compreensão dos relacionamentos amorosos na atualidade

Por fim, o eixo *outros* reuniu dois artigos com temáticas isoladas. Scorsolini-Comin & Santos, (2010) investigaram a literatura a respeito do conceito de satisfação conjugal. A partir dos resultados ficou claro que a maioria dos trabalhos tenta definir um conceito, todavia, ainda não há consenso entre os estudos a respeito desse construto. Frente a isso, é essencial que pesquisadores da área especifiquem em seus trabalhos, tanto de abordagens quantitativas quanto qualitativas, qual termo que consideram representar o ‘ser feliz a dois’ e quais elementos que estão sendo investigados como proeminentes nas pesquisas da saúde e funcionalidade conjugal

Os pesquisadores Kerkhof, Finkenauer, & Musses (2011) abordaram a temática do uso da internet. Em seu trabalho observaram que o uso compulsivo da ferramenta repercute negativamente na qualidade de vida conjugal e familiar dos usuários. Esse trabalho nos revela o quanto esse ‘novo’ meio de comunicação, mesmo que virtual, surge como um espaço real na vida dos indivíduos (Recuero, 2009) e pode reverberar negativamente nas relações amorosas, dependendo da forma em que é utilizado. Nesse sentido, é importante que os sujeitos e casais se deem conta dos próprios motivos e do que buscam através do

uso da internet, para que o mesmo não prejudique os vínculos já constituídos ou os afete de forma irreversível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho contribuiu para a reflexão a respeito do que vem sendo investigado sobre o ‘ser feliz a dois’ na literatura científica. A partir das informações geradas por essa revisão, buscou-se organizar e estruturar o amplo corpo de conhecimento até então produzido, além de indicar as lacunas e alternativas possíveis de estudo sobre essa temática que diz respeito a conjugalidade.

Foi possível perceber que há uma escassez de investigações nacionais sobre a temática da qualidade, ajustamento e satisfação conjugal. Mesmo utilizando uma base latino-americana e descritores na língua portuguesa, mais de 90% dos trabalhos encontrados foram internacionais. Além disso, os instrumentos utilizados nas pesquisas, normalmente, são construídos por autores estrangeiros e são poucas as referências de escalas de origem nacional. Nesse sentido, pode-se dizer que esses resultados não abarcam a realidade dos casais brasileiros. Assim, considera-se urgente a investigação das características e demandas deste subsistema, visto as diferenças culturais e também sociais que a nossa realidade contrasta com outros países. Só assim é que se podem construir políticas e estratégias de promoção de saúde que realmente façam sentido para o contexto dos nossos casais.

Quanto às temáticas que têm sido estudadas com maior frequência, percebeu-se que existem mais estudos referentes aos aspectos disfuncionais da conjugalidade do que aqueles dedicados a estudar a saúde e funcionalidade conjugal. Já está comprovado que a união conjugal funciona como fator de proteção à riscos e prejuízos a saúde dos cônjuges, portanto, sugere-se um aumento no número de pesquisas e, conseqüentemente, intervenções que visem revelar e potencializar os recursos de saúde do relacionamento amoroso.

Além disso, foi possível perceber a distância entre teoria e prática, pesquisa e intervenção na área de conjugalidade. Nesta perspectiva, reflete-se que investir nessa intersecção, certamente, beneficiaria conhecer melhor as nuances das diferentes formas de relacionar-se como cônjuges. Ademais, tal investimento pode ampliar a gama de

intervenções possíveis, não só na perspectiva terapêutica como também preventiva da saúde dos casais.

Por fim, a partir do mapeamento do panorama científico que descreve as pesquisas a respeito do relacionamento conjugal pode-se detectar algumas lacunas no conhecimento sobre a vida a dois. Nesse sentido estudos que visam olhar o que já está feito, abre possibilidades para seguir fazendo e construindo novas práticas. Sendo assim, entende -se que, revisar o passado é poder, no presente, reformular e construir os novos passos a serem dados no futuro, visando, neste caso, uma melhor educação, saúde e funcionalidades para as relações conjugais e familiares.

REFERÊNCIAS

- Allendorf, K., & Ghimire, D. J (2013). Determinants of marital quality in an arranged marriage society. *Social Science Research*, 42, 59-70.
- Anton, I. (2000). *A escolha do cônjuge: Um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artmed.
- Aubin, S., Heiman, J. R., Berger, R. E., Murallo, A. V., & Yung-Wen, L. (2009). Comparing sildenafil alone vs. sildenafil plus brief couple sex therapy on erectile dysfunction and couples' sexual and marital quality of life: A pilot study. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 35(2), 122-143.
- Ávila, R., Miranda, P., & Juárez, A. (2009). Contribución del número de hijos a la magnitud de la satisfacción marital. *International Journal of Psychological Research*, 2(1), 35-43.
- Baril, H., Julien, D., Chartrand, E., & Dubé, M. (2009). Females' quality of relationships in adolescence and friendship support in adulthood. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue Canadienne des Sciences du Comportement*, 41(3), 161-168.
- Bavel, J. V., & Kok, J. (2010). Pioneers of the modern lifestyle? Childless couples in the early-twentieth-century netherlands. *Social Science History*, 34(1), 47-72.
- Beach, S. R. H., Katz, J., Sooyeon, K., & Brody, G. (2003). Perspective effects of marital satisfaction on depressive symptoms in established marriages: A dyadic model. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20, 355-371.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Berg, C. A., Schindler, I., Smith, T. W., Skinner, M., & Beveridge, R. M. (2011). Perceptions of the cognitive compensation and interpersonal enjoyment functions of collaboration among middle-aged and older married couples. *Psychology and Aging*, 26(1), 167-173.
- Bertoni, A., & Bodenmann, G. (2010). Satisfied and dissatisfied couples: Positive and negative dimensions, conflict styles, and relationships with family of origin. *European Psychologist*, 15(3), 175-184.
- Braz, M.P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: Uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18(2), 151-161.

- Brito, L., & Pereira, M. de Graça. (2012). Variáveis individuais e familiares na psoríase: Um estudo com doentes e parceiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(2), 171-179.
- Bouchard, G., & Poirier, L. (2011). Neuroticism and well-being among employed new parents: The role of the work-family conflict. *Personality and Individual Differences*, 50, 657–661
- Bouchard, S., Sabourin, S., Lussier, Y., & Villeneuve, E. (2010). Relationship quality and stability in couples when one partner suffers from borderline personality disorder. *European Psychologist*, 15(3), 175-184.
- Bullard, L., Wachlarowicz, M., Deleeuw, J., Snyder, J., Low, S., Forgatch, M., & Degarmo, D. (2010). Effects of the oregon model of parent management training (PMTO) on marital adjustment in new stepfamilies: A randomized trial. *Journal of Family Psychology*, 24(4), 485–496.
- Campbell, L., Butzer, B., & Wong, J. (2008). The importance of the organization of partner knowledge in understanding perceptions of relationship quality and conflict resolution behavior in married couples. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34(6), 723-740.
- Canada, A. L., & Schover, L. R. (2012). The psychosocial impact of interrupted childbearing in long-term female cancer survivors. *Psycho-Oncology*, 21, 134–143.
- Carr, D., & Boerner, K. (2009). Do spousal discrepancies in marital quality assessments affect psychological adjustment to widowhood?. *Journal of Marriage and Family*, 71(3), 495-509.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2011). *The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives*. Boston, MA: Allyn & Bacon.
- Cowan, C. P., Cowan, P. A., & Barry, J. (2011). Couples' groups for parents of preschoolers: Ten-year outcomes of a randomized trial. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 240–250.
- Delelis, G., Christophe, V., Leroy, S., Vanneste, J., & Wallaert, B. (2008). The effects of cystic fibrosis on couples: Marital satisfaction, emotions, and coping strategies. *Scandinavian Journal of Psychology*, 49(6), 583-589.
- Doss, B. D., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2009). The effect of the transition to parenthood on relationship quality: An 8-year prospective study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(3), 601-619.
- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118(1), 108-132.

- Erich, S., Kanenberg, H., Case, K., Allen, T., & Bogdanos, T. (2009). An empirical analysis of factors affecting adolescent attachment in adoptive families with homosexual and straight parents. *Children and Youth Services Review*, 31(3), 398-404.
- Falcke, D. (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como predictoras da qualidade do relacionamento conjugal*. Tese de Doutorado em Psicologia. Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Féres-Carneiro, T., & Ziviani, C. (2009). Conjugalidades Contemporâneas: Um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade. In: T.Féres-Carneiro (Ed.), *Casal e família: permanências e rupturas* (pp.83-107). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferreira, P. M. (2003). Tendências e modalidades da conjugalidade. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, 67-82.
- Fincham, F. D. (2009). Marital happiness In J. S. Lopes (Ed.), *The encyclopedia of positive psychology*, 2, 594-499. New York: John Wiley
- Fincham, F. D., & Bradburry, T. N. (1987). The assesement of marital quality: A reevaluation. *Journal of Marriage and The Family*, 49, 797 – 809.
- Fink, B.C., & Shapiro, A. F. (2013). Coping mediates the association between marital instability and depression, but not marital satisfaction and depression. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 2(1), 1–13.
- Finkenauer, C., Meij, L. W., Reis, H, T., & Rusbult, C. E. (2010). The importance of seeing what is not there: A quasi-signal detection analysis of positive and negative behavior in newlywed couples. *Personal Relationships*, 17, 615–633.
- García V. C. E., Marín I. P. G., & Currea, F. B. (2006). Relaciones maritales, relaciones paternas y su influencia en el ajuste psicológico de los hijos. *Acta Colombiana de Psicología*, 9 (2), 115- 126.
- Godwin, E. E., Kreutzer, J. S., Arango-Lasprilla, J. C., & Lehan, T.J. (2011). Marriage after brain injury: Review, analysis, and research recommendations. *The Journal of Head Trauma Rehabilitation*. 26(1), 43–55.
- Gomez, R., & Leal, I. (2008). Ajustamento conjugal: Características psicométricas da versão portuguesa da Dyadic Adjustment Scale. / Marital adjustment: psychometric characteristics of the Portuguese version of the Dyadic Adjustment Scale. *Análise Psicológica*, 26(4), 625-638.

- Gottman, J. M., & Silver, N. (2007). *The seven principles for making marriage work: A practical guide from the country's foremost relationship expert*. New York: Three River Press.
- Graber, E. C., Laurenceau, J.P., Miga, E., Chango, C., & Coan, J. (2011). Conflict and Love: Predicting Newlywed Marital Outcomes From Two Interaction Contexts. *Journal of Family Psychology*, 25(4), 541–550.
- Graham, J. M., Diebels, K. J., & Barnow, Z. B. (2011). The reliability of relationship satisfaction: A reliability generalization meta-Analysis. *Journal of Family Psychology*, 25(1), 39–48.
- Griffin, W. A. (1993). Transitions from negative affect during marital interaction: husband and wife differences. *Journal of Family Psychology*, 6, 230-244.
- Hakyoort, E. M., Bos, H. M., Van Balen, F., & Hermanns, J. M. (2010). Family relationships and the psychosocial adjustment of school-aged children in intact families. *The Journal of Genetic Psychology*, 171(2), 182-201.
- Hansen, J. A., Weissbrod, C., Schwartz, D. D., & Taylor, W.P. (2012). Paternal involvement in pediatric type 1 diabetes: Fathers' and mothers' psychological functioning and disease management. *Families, Systems, & Health*, 30(1), 47-59.
- Hawkins, A. J., Stanley, S. M., Blanchard, V. L., & Albright, M. (2012). Exploring programmatic moderators of the effectiveness of marriage and relationship education programs: A meta-analytic study. *Behavior Therapy*, 43, 77–87.
- Hernandez, J. A. E. (2008). Avaliação estrutural da escala de ajustamento diádico. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 593-601.
- Holt-Lunstad, J., Birmingham, W., & Jones, B. Q. (2008). Is there something unique about marriage? The relative impact of marital status, relationship quality, and network social support on ambulatory blood pressure and mental health. *Annals of Behavioral Medicine*, 35(2), 239-244.
- Horne, S. G., & Biss, W. J. (2009). Equality discrepancy was significantly associated with both anxious and avoidant attachment as well as relationship satisfaction. *Sex Roles*, 60(9-10), 721-730.
- Jenewein, J., Zwahlen, R. A., Zwahlen, D., Drabe, N., Moergeli, H., & Büchi, S. (2008). Quality of life and dyadic adjustment in oral cancer patients and their female partners. *European Journal of Cancer Care*, 17(2), 127-135.

- Julien, D., Chartrand, E., & Bégin, J. (1999). Social networks, structural interdependence, and conjugal adjustment in heterosexual, Gay, and lesbian couples. *Journal of Marriage and Family*, 61(2), 516-530.
- Kerkhof, P., Finkenauer, C., & Musses, L. D. (2011). Relational consequences of compulsive internet use: A longitudinal study among Newlyweds. *Human Communication Research*, 37, 147–173.
- Kiecolt-Glaser, J. K., Fisher, L. D., Ogrockim, P., Stout, J. C., Speicher, C. E., & Glaser, R. (1987). Marital quality, marital disruption and immune function. *Psychosomatic medicine*, 49(1), 13-34.
- Knobloch, L. K., & Knoblock-Fedders, L. M. (2010). The role of relational uncertainty in depressive symptoms and relationship quality: An actor—partner interdependence model. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27(1), 137-159.
- Lawrence, E., Barry, R. A., Brock, R. L., Bunde, M., Langer, A., Ro, E., Fazio, E., Mulryan, L., Hunt, S., Madsen, L., & Dzankovic, S. (2011). The relationship quality interview: Evidence of reliability, convergent and divergent validity, and incremental utility. *Psychological Assessment*, 23(1), 44–63.
- Lawrence, E., Bunde, M., Barry, R. A., Brock, R. L., Sullivan, K. T., Pasch, L. A., White, G. A., Dowd, C. E., & Adams, E. E. (2008). Partner support and marital satisfaction: Support amount, adequacy, provision, and solicitation. *Personal Relationships*, 15(4), 445-463.
- Lawrence, E., Pederson, A., Bunde, M., Barry, R. A., Brock, R. L., Fazio, E., Mulryan, L., Hunt, S., Madsen, L., & Dzankovic, S. (2008). Objective ratings of relationship skills across multiple domains as predictors of marital satisfaction trajectories. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25(3), 445-466.
- Lomando, E., Wagner, A., & Gonçalves, J. (2011). Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(3), 95-109.
- Long, K. A., & Marsland, A. L. (2011). Family adjustment to childhood cancer: A systematic review. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 14, 57–88.
- Ma, J. L. C. (2011). An exploratory study of the impact of an adolescent's eating disorder on chinese parents' well-being, marital life and perceived family functioning in Shenzhen, China: implications for social work practice. *Child and Family Social Work*, 16, 33–42.
- McNulty, J. L., & Fisher, T. D. (2008). Gender differences in response to sexual expectancies and changes in sexual frequency: A short-term longitudinal study of

- sexual satisfaction in newly married couples. *Archives of Sexual Behavior*, 37(2), 229-240.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morawska, A., & Thompson, E. (2009). Parent problem checklist: Measure of parent conflict. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 43(3), 260-269.
- Morrison, M. L., McMillan, H. S., Duncanson, S. F., & Larson, J.H. (2011). Who will attend? Characteristics of couples and individuals in marriage education. *Marriage & Family Review*, 47, 1-22.
- Mosmann, C. (2007). *A qualidade conjugal e os estilos educativos parentais*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325.
- Neto, O. D., & Féres-Carneiro, T. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: marcadores e preditores. *Interação em Psicologia*, 14(2), 245-254.
- Norgren, M. B. B., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584.
- Owen, J. J., Rhoades, G. K., Stanley, S.M., & Markman, H. J. (2011). The role of leaders' working alliance in premarital education. *Journal of Family Psychology*, 25(1), 49-57.
- Perlin, G., & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica*, 17(2), 15-29.
- Piccinini, C.A. (1996). Sobre o relacionamento entre pesquisador e profissional em Psicologia. *Coletâneas da ANPEPP*, 1, 31-40.
- Pollmann, M. M. H., Finkenauer, C., & Begeer, S. (2010). Mediators of the link between autistic traits and relationship satisfaction in a non-clinical sample. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 40(4), 470-478.
- Pritchett, R., Kemp, J., Wilson, P., Minnis, H., Bryce, G., & Gillberg, C. (2011). Quick, simple measures of family relationships for use in clinical practice and research. A systematic review. *Family Practice*; 28, 172-187.
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Editora Meridional.

- Renshaw, K. D., Mcknight, P., Caska, C. M., & Blais, R. K. (2010). The utility of the relationship assessment scale in multiple types of relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(4), 435–447.
- Renshaw, K. D., Blais, R. K., & Smith, T. W. (2010). Components of negative affectivity and marital satisfaction: The importance of actor and partner anger. *Journal of Research in Personality*, 44, 328–334.
- Rios, M. G., & Gomes, I. C. (2009). Casamento contemporâneo: Revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia*, 26(2), 215-255.
- Rowe, L. S., Doss, B. D., Hsueh, A. C., Johnson, J. L. R. H., & Mitchell, A. E. (2011). Coexisting difficulties and couple therapy outcomes: Psychopathology and intimate Partner Violence. *Journal of Family Psychology*, 25(3), 455–458.
- Rust, J., Bennun, I., Crowe, M., & Golombok, S. (1986) The Golombok Rust Inventory of Marital State (GRIMS). *Journal of Sexual & Marital Therapy*, 1, 55-60.
- Saavedra, M. C., Chapman, K. E., & Rogge, M. R. D. (2010). Clarifying links between attachment and relationship quality: Hostile conflict and mindfulness as moderators. *Journal of Family Psychology*, 24(4), 380–390.
- Sandberg, J. G., Miller, R. B., Harper, J. M., Robila, M., & Davey, A. (2009). The impact of marital conflict on health and health care utilization in older couples. *Journal of Health Psychology*, 14(1), 9-17.
- Santos-Iglesias, P., Vallejo-Medina, P., & Sierra, J. C. (2009). Propiedades psicométricas de uma version breve de la Escala de Ajuste Diádico en muestras Españolas./ Development and validation of a short version of the Dyadic Adjustment Scale in Spanish samples. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 9(3), 501-517.
- Saxbe, D. E., Repetti, R. L., & Nishina, A. (2008). Marital satisfaction, recovery from work, and diurnal cortisol among men and women. *Health Psychology*, 27(1), 15-25.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos (2011). Ajustamento diádico e satisfação conjugal: correlações entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 467-475.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos (2010). Satisfação Conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-531.
- Seider, B. H., Hirschberger, G., Nelson, K. L., & Levenson, R. W. (2009). We can work it out: Age differences in relational pronouns, physiology, and behavior in marital conflict. *Psychology and Aging*, 24(3), 604-613.

- Shek, D. T., & Cheung, C. K. (2008). Dimensionality of the Chinese Dyadic Adjustment Scale based on confirmatory factor analyses. *Social Indicators Research*, 86(2), 201-212.
- Silva, I. M., & Lopes, R. C. S. (2012). As relações entre os subsistemas conjugal e parental durante a transição para a parentalidade. *Pensando Famílias*, 16(1), 69-90.
- Smith, T. W., Traupman, E. K., Uchino, B. N., & Berg, C. A. (2010). Interpersonal circumplex descriptions of psychosocial risk factors for physical illness: Application to hostility, neuroticism, and marital adjustment. *Journal of Personality*, 78 (3).
- Smith, K.B., & Pukall, C. F. (2011). Asytematic review of relationship adjustment and sexual satisfaction among women with provoked vestibulodynia. *Journal of Sex Research*, 48, 2-3.
- Sohne, L. C., & Wendling, M. I (2011). O significado de famílias para casais que optam por não ter filhos. *Pensando Famílias*, 15(1), 117-137.
- Solmeyer, A.R., Killoren, S.E., McHale, S. M., & Updegraff, K. A. (2011). Coparenting around siblings' differential treatment in mexican-origin families. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 251–260.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15-28.
- Stapleton, L. R. T., Schetter, C. D., Wetling, E., Rini, C., Hill, C., Glynn, L. M., Hobel, C.J., Sinai, C., & Sandman, C. A. (2012). Perceived partner support in pregnancy predicts lower maternal and infant distress. *Journal of Family Psychology*, 26(3), 453–463.
- Stroud, C. B., Durbin, C. E., Wilson, S., & Mendelsohn, K. A. (2011). Spillover to triadic and dyadic systems in families with young children. *Journal of Family Psychology*, 25(6), 919–930.
- Tremblay, S., & Pierce, T. (2011). Perceptions of fatherhood: Longitudinal reciprocal associations within the couple. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 43(2), 99–110.
- Uebelacker, L. A., Courtnage, E. S., & Whisman, M.A. (2003). Correlates of depression and marital dissatisfaction: Perceptions of marital communication style. *Journal of Social and Personal Relationships*, 6, 757-769.
- Wagner, A., & Mosmann, C.P. (2008). Investigando a qualidade conjugal: Questões contemporâneas. In: I.C. Gomes (Ed.), *Série de Psicologia: Família, Diagnóstico e Abordagens Terapêuticas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, p. 60-66.

- Wattsa, K. J., Shermanb, K. A., Mireskandaria, S., Meisera, B., Taylorb, A., & Tucker, K. (2011). Predictors of relationship adjustment among couples coping with a high risk of developing breast/ovarian cancer. *Psychology and Health, 26* (1), 21–39.
- Whisman, M. A., Davila, J., & Goodman, S.H. (2011). Relationship adjustment, depression, and anxiety during pregnancy and the postpartum period. *Journal of Family Psychology, v. 25*(3), 375–383.
- Wilhelm, F. A., & Oliveira, M. A. P. de (2011). Fatores indicados por casais que facilitam ou impedem o relacionamento conjugal satisfatório. *Revista Caminhos, On-line, “Dossiê Humanidades”*, 2(1), 173-186.
- Yang, H., & Schuler, T. A. (2009). Marital quality and survivorship: Slowed recovery for breast cancer patients in distressed relationships. *Cancer, 115*(1), 217-228.
- Yu, J. J., & Gamble, W. C. (2008). Pathways of influence: Marital relationships and their association with parenting styles and sibling relationship quality. *Journal of Child and Family Studies, 17*(6), 757-778.
- Zhang, J., Smith, S., Swisher, M., Fu, D., & Fogarty, K. (2011). Gender role disruption and marital satisfaction among wives of Chinese international students in the United States. *Journal of Comparative Family Studies, 42*(4), 523-542.
- Zimmermann, T., Scott, J. L., & Heinrichs, N. (2010). Individual and dyadic predictors of body image in women with breast cancer. *Psycho-Oncology, 19*, 1061–1068.
- Zordan, E. P, Falcke, D., & Wagner, A. (2009) Casar ou não casar: Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista, 15*(2), 56-76.

CAPÍTULO III - QUALIDADE CONJUGAL: O PERFIL DISCRIMINANTE DE ADULTOS EM CONJULIGADADE

RESUMO

A qualidade dos relacionamentos conjugais é circunscrita por diversos fatores contextuais e pessoais dos cônjuges. Este trabalho investigou como a idade, o tempo de duração da relação, o salário, a presença ou não de filhos e a percepção da conjugalidade dos pais se associavam à qualidade das relações conjugais de 1476 sujeitos de ambos os sexos com idades entre 21 a 77 anos. Realizou-se uma função discriminante dos grupos de alta e baixa qualidade conjugal. A percepção positiva da conjugalidade dos pais, não ter filhos e a satisfação com o trabalho foram agrupadas a favor do grupo de maior qualidade conjugal. O grupo com baixa qualidade conjugal reportou menor satisfação com a condição econômica. Pode-se constatar que a qualidade conjugal é influenciada pelos modelos da família de origem, aspectos da dinâmica conjugal atual e a vida laboral dos sujeitos investigados.

Palavras-chave: Qualidade conjugal, Família, Conjugalidade, Relacionamento amoroso, Perfil discriminante.

ABSTRACT

The quality of marital relationships is circumscribed by various contextual and personal factors. This study investigated how age, duration of relationship, income, presence of children and perception of marital parents were associated with the quality of marital relationships in 1476 subjects of both sexes aged 21 to 77 years. A discriminant function groups of high and low marital quality was realized. The positive perception of parental marital, no children and job satisfaction were grouped in favor of the higher group of marital quality. The group of lower marital quality reported less satisfaction with the economic condition. It may be noted the marital quality is influenced by the models of family of origin, aspects of current marital dynamic and working life of the individuals investigated.

Keywords: Marital quality, Family, Marital, Loving relationship, Discriminant profile.

INTRODUÇÃO

Estudar a conjugalidade nos dias atuais é, necessariamente, um exercício de reflexão sobre diversos aspectos que compõem uma relação complexa. Tal complexidade foi descrita por Anton (2000) como sendo compreendida por: dois sistemas individuais, dois sistemas familiares (e seus aspectos transgeracionais) e o contexto em que os cônjuges convivem. Nessa perspectiva, há uma multiplicidade de fatores que se interseccionam e reverberam no crescimento, desenvolvimento e amadurecimento da relação conjugal. Entre eles, variáveis como: a idade dos cônjuges, a presença ou não de filhos (Ávila, Miranda, & Juárez, 2009), o período do ciclo vital (Ferreira, 2003), o nível de satisfação conjugal (Perlin & Diniz, 2005), a motivação para escolha do parceiro (Silva, Menezes, & Lopes, 2010), fazem parte dessa análise. Esses fatores ecoam diretamente na construção e manutenção das relações conjugais e são fundamentais para o exame e investigação dos casais contemporâneos.

Atualmente, as uniões conjugais tradicionais de homem, mulher e filhos, coexistem com as famílias compostas por casais sem filhos (Rowe & Medeiros, 2011), casamentos informais, casais em coabitação, casais de gays e lésbicas (Lomando, Wagner, & Gonçalves, 2011), casais vivendo em casas separadas (Perlin & Diniz, 2005), entre tantas outras uniões que tem perfilado as novas formas de se vivenciar as relações amorosas. Ainda que o panorama componha-se de inúmeras maneiras de se relacionar e estar casado, esse fenômeno não implica diretamente na permanência ou na satisfação da conjugalidade. Frente a essa realidade faz-se relevante refletir sobre qual o nível de satisfação dos sujeitos nos diferentes arranjos conjugais. O que circunscreve a qualidade das relações hoje?

A qualidade dos relacionamentos conjugais vem sendo investigada há décadas, e é definida, tanto pela literatura nacional quanto internacional, como sendo complexa e multifacetada (Fincham & Bradburry, 1987; Locke & Williamson, 1958; Mosmman, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006; Umberson & Williams, 2005; Wagner & Falcke, 2001). As diversas pesquisas que investigam o ‘ser feliz a dois’ utilizam termos como satisfação, ajustamento e qualidade para tratarem dessa temática. Percebe-se que, muitas vezes, os termos são utilizados como sinônimos nos estudos e esse equívoco ocasiona o uso de instrumentos e explicações sobre os fenômenos sem adequá-los a uma compreensão e especificidade de cada construto envolvido (Fincham & Bradburry, 1987; Scorsolini-

Comin & Santos, 2011). Considerando esse fato, o presente trabalho optou por utilizar o conceito de ajustamento conjugal, como proposto por Spanier (1976), conjuntamente com o instrumento desenvolvido por ele: o DAS (*Dyadic Adjustment Scale*). Dessa maneira, nesta investigação, o ajustamento conjugal dos sujeitos é definido por quatro dimensões que dizem respeito ao nível de concordância dos cônjuges sobre diversos temas do cotidiano familiar, a percepção sobre a discórdia e possibilidade de divórcio, ao compromisso e felicidade com a relação conjugal, ao compartilhamento de interesses e perspectivas, ausência ou presença de afetos, relação sexual, entre outros (Spanier, 1976). Segundo Corcoran e Fischer (1994), o DAS se propõe a acessar a qualidade dos casamentos ou díades similares, assim, os termos ajustamento conjugal e qualidade conjugal serão considerados sinônimos nesse estudo e a satisfação conjugal será uma dimensão avaliada por aqueles.

A partir desse panorama, compreende-se que a qualidade dos relacionamentos é permeada pela interação de diversos fatores, tanto pessoais quanto contextuais dos cônjuges, e a investigação deles faz-se fundamental para discutir e contribuir acerca da temática do ‘ser feliz a dois’ (Bradbury, Fincham, & Beach, 2000; Neto & Féres-Carneiro, 2010).

Variáveis que se associam a qualidade das relações conjugais

A literatura científica aponta fatores que são considerados importantes na avaliação da qualidade dos sujeitos em conjugalidade. Variáveis como: herança que os sujeitos trazem de sua família de origem, aspectos sociodemográficos e motivações para escolha do parceiro são elementos que devem ser avaliados para melhor compreensão do funcionamento conjugal. Além deles, a idade dos cônjuges, o tempo de duração da relação e a presença ou não de filhos, também são fatores importantes na investigação deste fenômeno (Fincham, 2009; Pergher, 2010; Perlin & Diniz, 2005; Umberson, Williams, Powers, Chen, & Campbell, 2005; Wagner & Falcke, 2001).

Em relação a variável *idade* há registros contraditórios na literatura. Alguns estudiosos indicam que não há relação da idade dos indivíduos com a qualidade que eles reportam em seus relacionamentos (Bertoni & Bodenmann, 2010). Outros pesquisadores apontam que são os sujeitos mais jovens (20-29anos), em comparação aos mais velhos (40-59), que reportam melhores níveis de qualidade conjugal nas relações (Fortunato, 2009). Dessa forma, é relevante que mais estudos procurem compreender como a idade reverbera

na dinâmica conjugal dos sujeitos e se realmente existe uma associação significativa dessa variável com a qualidade reportada nos seus relacionamentos (Umberson et al., 2005).

Sobre o *tempo de relacionamento conjugal* a maioria dos estudos aponta para a lógica proposta por Sanz (1984). Assim, a relação entre ajustamento conjugal e tempo de casado se configura em formato curvilíneo (forma de U) ao longo do tempo. Nos primeiros anos de casamento os indivíduos tendem a relatar altos níveis de ajustamento conjugal, com uma queda na fase em que os filhos estão no período da adolescência e um aumento nas etapas subsequentes do ciclo de vida dos indivíduos (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004; Van Steenbergen, Kluwer, & Karney, 2011).

Em relação ao *nível socioeconômico*, aqui representado pelo *salário pessoal mensal*, no geral, os resultados são unânimes. Os sujeitos que possuem nível socioeconômico médio/alto e que estão satisfeitos com as atividades que exercem no trabalho apresentam maior qualidade na relação amorosa. Já os que estão condicionados a um baixo nível socioeconômico e satisfação financeira, relatam menor qualidade conjugal (Fortunato, 2009; Heller & Watson, 2005; Rogers & May, 2003; Van Steenbergen et al., 2011).

No que tange a variável *presença ou não de filhos* percebe-se que, no geral, os resultados apontam que os sujeitos sem filhos apresentam maior nível de ajustamento conjugal em relação aos que tem filhos (Lima, 2010; Twenge, Campbell, & Foster, 2003). Quando há filhos na relação amorosa, o número de filhos é inversamente proporcional à qualidade conjugal reportada pelos sujeitos (Ávila et al., 2009; Sardinha, Falcone, & Ferreira, 2009; Twenge, Campbell, & Foster, 2003).

Considerando a herança-psíquica da *família de origem*, percebe-se que ocorre uma reedição/repetição dos padrões de relacionamento que antecederam a geração atual (Amato & Booth, 2001; Anton, 2000; Falcke & Wagner, 2005). Assim, estudos com a população brasileira demonstram associações positivas entre a percepção que os filhos têm da conjugalidade dos pais com a qualidade conjugal que eles reportam atualmente (Falcke, Wagner, & Mosmann, 2008; Scorsolini-Comin, 2012). Também são encontradas associações entre a qualidade conjugal dos progenitores e a qualidade conjugal dos descendentes em seus relacionamentos (Amato & Booth, 2001). É importante esclarecer que o fato dos sujeitos terem uma percepção positiva ou negativa do modo de relacionamentos dos seus pais não implica diretamente em concluir que o processo de transmissão geracional tenha realmente se configurado. A transmissão entre gerações é um processo

que se dá na ordem do inconsciente, principalmente (Anton, 2000; Ziviani, Féres-Carneiro, & Magalhães, 2011), não sendo linear e nem determinista.

Frente a esse cenário complexo observa-se que as relações amorosas são atravessadas por diversos fatores, que perpassam as tradições da família de origem e são (re)modeladas a partir dos valores predominantes da época (Aboim, 2009). Essas transformações geram muitos impasses para os cônjuges e ecoam diretamente na manutenção e na qualidade das relações conjugais. Considerando essa realidade, o presente trabalho procurou compreender como as variáveis *idade*, *tempo de duração da relação*, *salário pessoal mensal*, *presença ou não de filhos* e *percepção da conjugalidade dos pais* se relacionam à qualidade das relações conjugais que homens e mulheres reportam atualmente. A partir disso, descreveu-se um perfil discriminante dos participantes que reportaram alta e baixa qualidade conjugal.

MÉTODO

Procedimentos para coleta de dados

A pesquisa teve um caráter quantitativo e a coleta de dados ocorreu por conveniência, via internet. Uma “*survey-piloto*” foi administrada antes da etapa inicial da coleta de dados, com a finalidade de verificar sua adequação e compreensão para os possíveis respondentes. Após correções, a *survey online* foi enviada para diversos contatos, entre eles, e-mails de professores e alunos de 33 programas de pós-graduação de diferentes cursos. O método ‘bola de neve’ ou *snow ball* foi utilizado a fim de abranger todas as regiões do país.

O questionário permaneceu ativo por dois meses, entre abril e maio de 2013, sob o domínio do *googledocs*, atualmente *off-line*. Os participantes foram informados, eletronicamente, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE) – Anexo B, sobre os objetivos da pesquisa, procedimentos do estudo e sobre a garantia de confidencialidade de suas informações. O TCLE foi disponibilizado como uma etapa inicial para acessar o instrumento *online*, assim, caso o participante não concordasse com o termo, não era possível responder a pesquisa. Para participarem dessa investigação, os sujeitos deveriam preencher os seguintes critérios: a) Ser maior de 21 anos; b) Estar em uma relação considerada estável e c) Viver em coabitação com o parceiro, no mínimo, há seis meses.

O cálculo para a amostra populacional respeitou as normas propostas por Hair, Black, Babin, Anderson e Tatham (2009) de dez vezes o número de itens do questionário. No total, 1476 indivíduos responderam ao questionário *online*. No entanto, as análises dos dados apresentaram quantidades diferentes de sujeitos devidos aos *missings*, já que nem todos participantes responderam à totalidade do instrumento.

Instrumento

O instrumento utilizado foi composto por uma Ficha de Dados Sociodemográficos, a Escala de Ajustamento Conjugal (EAD) e o Questionário da Conjugalidade dos pais (QCP).

A Ficha de Dados Sociodemográficos (Anexo C) apresentou questões que abordaram a caracterização pessoal, econômica e conjugal dos participantes. A Escala de Ajustamento Conjugal (Anexo D), instrumento criado por Spanier (1976) e validado em estudo brasileiro por Hernandez (2008), tem a finalidade de medir o ajustamento conjugal dos sujeitos em seus relacionamentos. O instrumento compõe-se de 32 itens respondidos em uma escala likert de 5, 6 e 7 pontos, que buscam representar o nível de ajustamento conjugal através de quatro dimensões: satisfação diádica ($\alpha = 0,86$), consenso diádico ($\alpha = 0,86$), coesão diádica ($\alpha = 0,76$) e expressão de afeto ($\alpha = 0,62$). Na validação de Hernandez (2008) o *alfa de Cronbach* = 0,93, neste estudo, o EAD apresentou *alfa de Cronbach* = 0,91. O escore total da escala pode variar de 0 a 151. Segundo critérios do autor da escala, os indivíduos que obtiverem 101 pontos ou menos devem ser classificados como desajustados ou em sofrimento no relacionamento conjugal. Os que alcançarem 102 pontos ou mais, são classificados como ajustados. O Questionário da Conjugalidade dos Pais (Anexo E), desenvolvido por Féres-Carneiro, Ziviani, e Magalhães (2007), tem a finalidade de medir a percepção dos filhos sobre a conjugalidade dos seus pais. O instrumento original apresentou alfa de *Cronbach* = 0,95 e possui 60 itens fechados, com variações diferentes de respostas. A escala é dividida em três subescalas, e neste trabalho, foram utilizados apenas os 26 itens referentes aos ‘Meus Pais’ para a análise dos dados. O *alfa de Cronbach* encontrado para essa subescala, na presente amostra, foi de 0,96.

RESULTADOS

Foram participantes do estudo 1.476 sujeitos, sendo 65,1% mulheres (n=961) e 34,9% homens (n=515). A idade média das mulheres foi de 39,66 anos (d.p = 10,89) e dos homens de 41,29 anos (d.p = 11,22). A amostra se caracterizou por sujeitos pós-graduados (82,2%), seguido por aqueles com ensino superior completo (10,3%) e incompleto (5,7%), assim distribuídos geograficamente:

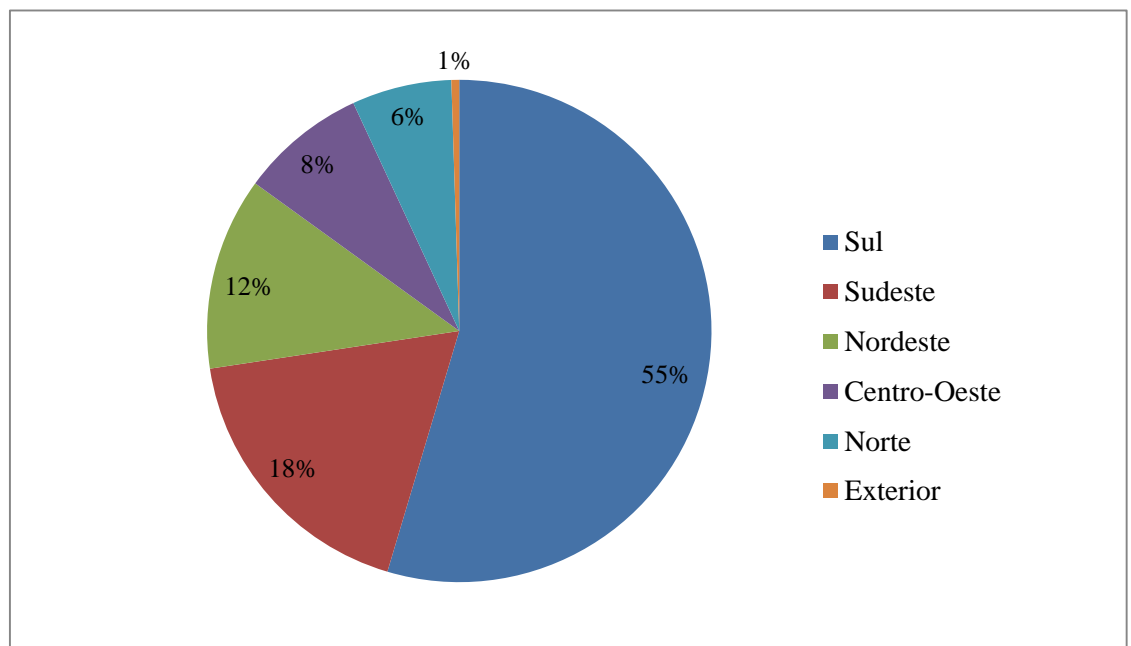


Figura 1. Distribuição Geográfica da Amostra.

No que tange a situação laboral e financeira, 45,6% dos participantes ganhavam acima de 10 salários mínimos (R\$6781,00). No geral, 63,9% da amostra indicou estar satisfeita com sua condição econômica e 70% reportaram estar bastante e totalmente satisfeitos com o seu trabalho.

Em relação à orientação sexual, 94,6% da amostra considerava-se heterossexual, 4% homossexual e 1,4% bissexual. No que tange ao *status* conjugal, 69,4% da amostra era casada legalmente, 25,4% considerava-se em união estável, 3,1% estavam namorando, 2% noivos e 0,1% consideravam-se solteiros. Em relação aos descendentes, 60% da amostra possuíam filhos (59,7% mães e 40,3% pais). O tempo médio de relacionamento conjugal foi de 15,11 anos (d.p = 10,81) e o tempo médio de coabitação com o cônjuge foi de 12,6 anos (d.p = 10,86).

No que se refere à avaliação da qualidade conjugal, a maioria da amostra (81,2%) foi considerada com bom nível de qualidade em seus relacionamentos, enquanto os em sofrimento psíquico foram 18,8%. No geral, os sujeitos apresentaram uma média de 115,65 (d.p = 16,20) de qualidade conjugal, indicando um bom ajustamento na relação amorosa (>102). Não houve diferença significativa entre as médias de qualidade conjugal de homens e mulheres participantes ($p=0,646$).

Em relação à percepção da conjugalidade dos pais, utilizou-se, a partir dos dados apresentados pela amostra, uma mediana de 47 para dividir os grupos entre percepção positiva (>47) e percepção negativa (<47). A amostra total apresentou uma média de 44,83 (d.p = 15,80), sendo que 51,4% reportaram uma percepção negativa do relacionamento dos pais e 48,6% uma percepção positiva. Os homens avaliaram melhor o relacionamento dos seus pais ($M = 47,52$, d.p = 14,16) do que as mulheres ($M= 43,39$, d.p = 16,44) [$F(1,1201)=18,953$ $p<0,001$].

A fim de verificar as correlações existentes entre as dimensões do ajustamento conjugal (EAD) dos participantes e a percepção que eles têm sobre a conjugalidade dos seus pais (QCP) aplicou-se o teste de correlação de Pearson (Tabela 1):

Tabela 2.
Correlações entre Fatores da EAD com QCP

	Amostra Total	Mulheres	Homens
	QCP	QCP	QCP
Consenso	0,121**	,115**	,128*
Satisfação	0,210**	,198**	,230**
Coesão	0,127**	,143**	,110*
Expressão Afeto	0,152**	,148**	,192**
EAD Total	0,192**	,186**	,219**

Nota: EAD: Escala de Ajustamento Conjugal. QCP: Questionário da Conjugalidade dos Pais.

(* $p<0,05$; ** $p<0,001$).

Os resultados revelaram que há uma correlação positiva, porém baixa, entre a percepção que homens e mulheres têm da conjugalidade de seus pais e a qualidade conjugal que reportam nos seus relacionamentos amorosos na atualidade. As dimensões de *consenso*, *satisfação conjugal*, *coesão* e *expressão de afeto* também se mostraram correlacionadas à visão que os participantes têm da relação dos pais. Observa-se que essas associações são de magnitude fraca, o que provavelmente ocorreu, pois, as experiências

com a família de origem são apenas uma das variáveis relevantes para a construção da qualidade conjugal dos participantes.

A fim de verificar como as características de contexto, aqui investigado como, *idade, tempo de relacionamento conjugal, presença ou não de filhos e salário pessoal mensal*, se expressavam no ajustamento conjugal dos sujeitos, foram realizadas Análises de Variância (ANOVA).

Idade x Qualidade conjugal

Em relação à variável *idade*, a amostra total teve uma média de 40,21 anos (d.p=11,03), compreendendo sujeitos desde os 21 até os 77 anos. As mulheres do estudo tiveram uma idade média de 39,63 anos (d.p=10,89), enquanto os homens tiveram uma média de 41,29 anos (d.p=11,22). Foram criados quatro grupos de diferentes idades para melhor análise da amostra, como pode ser observado na Tabela 2 abaixo:

Tabela 3.

Médias e Desvio Padrão da Qualidade Conjugal por Sexo e Idade

Sexo	Grupo de Idade	Média	Desvio-Padrão	n (%)
Feminino	1. 21 a 30 anos	118,54	14,26	182 (28,1%)
	2. 31 a 40 anos	113,65	17,98	212 (32,7%)
	3. 41 a 50 anos	113,91	16,39	147 (22,7%)
	4. Acima de 50 anos	116,17	17,40	106 (16,3%)
	Total	115,50	16,64	647 (100%)
Masculino	1. 21 a 30 anos	117,96	11,84	53 (14,04%)
	2. 31 a 40 anos	118,56	12,81	117 (30,92%)
	3. 41 a 50 anos	114,41	16,46	105 (27,8%)
	4. Acima de 50 anos	113,40	18,07	103 (27,24%)
	Total	115,92	15,43	378 (100%)
Total	1. 21 a 30 anos	118,41	13,73	235 (22,92%)
	2. 31 a 40 anos	115,40	16,48	329 (32,09%)
	3. 41 a 50 anos	114,12	16,39	252 (24,6%)
	4. Acima de 50 anos	114,81	17,75	209 (20,39%)
	Total	115,65	16,20	1025 (100%)

Conforme os dados acima, todos os grupos de idade reportaram uma boa média de qualidade conjugal (>102) no seu relacionamento amoroso. Relacionando as variáveis de *sexo e de idade*, percebe-se que houve uma diferença marginalmente significativa [$F(3,1017) = 2,584, p=0,052$] entre os grupos. Após *post hoc* Tukey, observa-se diferença significativa ($p=0,01$) entre homens e mulheres de 31-40 anos em relação à média de

qualidade conjugal. O grupo feminino obteve uma média menor de qualidade conjugal ($M = 113,66$, $d.p = 17,98$), enquanto o mesmo grupo de 31-40 anos masculino pontuou uma média maior na relação ($M = 118,56$, $d.p = 12,81$).

Tempo de relacionamento conjugal x Qualidade conjugal

Em relação ao *tempo de relacionamento conjugal*, os sujeitos da amostra tiveram uma média de 15,11 anos ($d.p=10,81$). O tempo mínimo foi de seis meses de relacionamento e o máximo de 58,3 anos. Os homens tiveram uma média de tempo de relacionamento conjugal de 16,34 anos ($d.p=11,37$), enquanto as mulheres tiveram uma média de 14,46 ($d.p=10,44$).

O tempo de relacionamento conjugal foi dividido em cinco grupos de sujeitos, assim distribuídos:

Tabela 4.

Médias e Desvio Padrão da Qualidade Conjugal por Sexo e Tempo de Conjugalidade

Tempo de conjugalidade (anos)	Média	Desvio-padrão	n (%)
1. Até 5,83	116,11	15,66	207 (20%)
2. entre 5,84 até 9,66	116,96	14,36	218 (21%)
3. entre 9,67 até 15,0	114,44	16,08	201 (19,5%)
4. Entre 15,1 até 24,66	114,25	17,83	195 (18,8%)
5. Entre 24,67 até 58,3	115,48	16,94	213 (20,7%)
Total	115,48	16,18	1034

No que tange às diferenças de qualidade conjugal e tempo de relacionamento não foram observadas diferenças significativas entre e intra grupos ($p>0,05$).

Presença ou não de filhos x Qualidade Conjugal

Em relação a variável *presença ou não de filhos* percebeu-se que 60% da amostra tinha filhos no momento da coleta de dados, sendo 59,7% mães e 40,3% pais. Encontrou-se diferença significativa [$F(1,1019) = 21,226$, $p<0,001$] em relação a quem tem filhos e quem não tem, independente do sexo dos participantes. Conforme Tabela 4, os sujeitos da amostra que não tem filhos apresentou maior qualidade conjugal ($M=118,59$, $d.p=14,13$) em comparação aos participantes que tem filhos ($M=113,55$, $d.p=17,21$).

Tabela 5.
Médias e Desvio Padrão da Qualidade Conjugal por Sexo e Presença ou Não de Filhos

		Qualidade Conjugal		
		Média	Desvio-Padrão	n (%)
Filhos	Sim	113,65	17,21	609 (60%)
	Não	118,59	14,13	414 (40%)
	Total	115,65	16,21	1023 (100%)

Salário pessoal mensal x Qualidade conjugal

Em relação à variável *salário pessoal mensal*, 41% da amostra ganhava entre 3 à 10 salários mínimos (R\$2035-R\$6780) e 46% dos participantes ganhavam acima de 10 salário mínimos (> R\$6781) por mês. Na comparação entre homens e mulheres, pode-se observar os seguintes resultados:

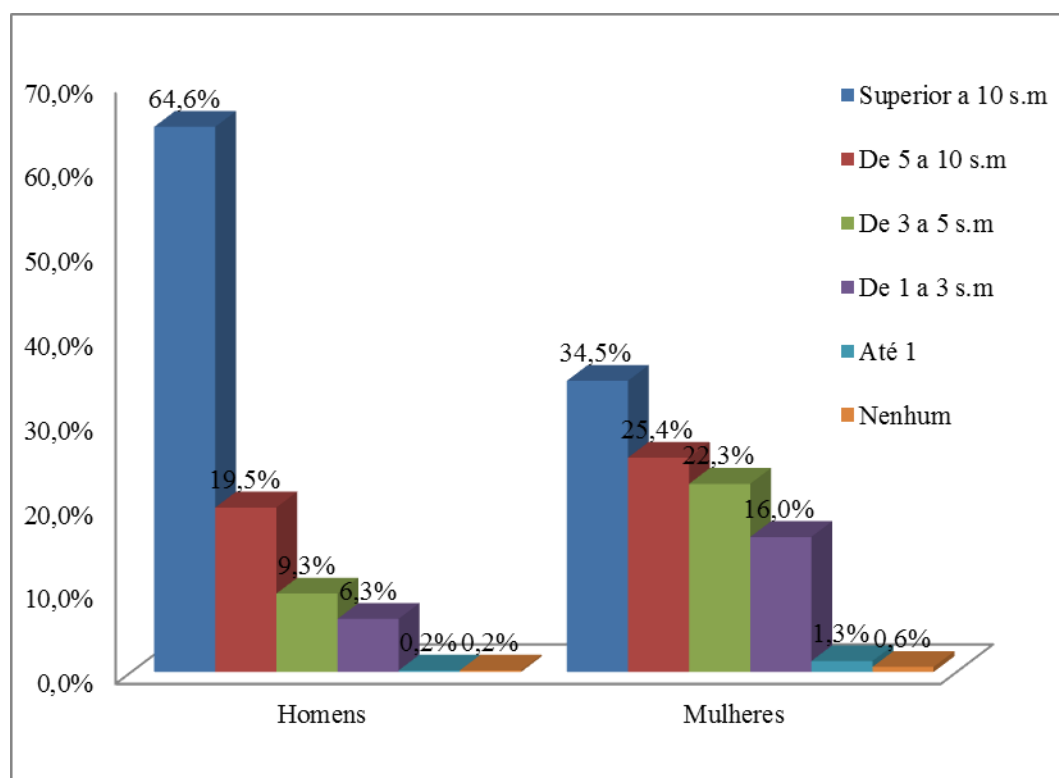


Figura 2. Salário Pessoal Mensal.

Nesse sentido, os homens desta amostra apresentaram uma renda pessoal mensal maior do que as mulheres, no entanto, não se encontrou nenhuma diferença significativa inter e intra grupos ($p > 0,05$).

Análise Discriminante dos subgrupos

Com o objetivo de conhecer como as variáveis discutidas até aqui constroem diferentes perfis de qualidade conjugal na amostra total foi realizada uma análise discriminante. Foram utilizadas como variáveis independentes (VI's): *idade, tempo de conjugalidade, presença ou não de filhos, percepção da conjugalidade dos pais (QCP), salário pessoal mensal, sexo, orientação sexual, status conjugal, nível de escolaridade, satisfação com a condição econômica, satisfação com o trabalho*. Os grupos de alta e baixa qualidade representaram a variável dependente (VD) da função discriminante. A análise indicou uma função discriminante significativa ($X^2(4) = 104,019$; $p < 0,001$) e apresentou uma correlação canônica discriminante de 0,275. Foi encontrado um λ de Wilks de 0,924, que equivale a uma variância de 7,5%. Pôde-se classificar corretamente 81,2% dos grupos. Apesar desse resultado, consideraram-se os dados impróprios já que a variância explicada foi baixa e a quantidade de sujeitos em cada grupo é evidentemente discrepante (81,2% alta qualidade conjugal e apenas 18,8% com baixa qualidade conjugal) (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tathan, 2009).

Assim, optou-se por dividir a amostra total em subgrupos com o mesmo número de participantes. Visto que o grupo de pior qualidade conjugal tinha 277 sujeitos, optou-se por recortar um grupo equivalente de sujeitos de melhor qualidade conjugal. Nesse sentido, selecionou-se 554 sujeitos da amostra total, sendo o subgrupo 1 caracterizado por 277 sujeitos que reportam os maiores níveis de qualidade conjugal e o grupo 2 com 277 sujeitos que pontuaram os menores níveis. Na Tabela 5 verificam-se as características que descreveram cada um dos grupos e que são semelhantes aos dados descritivos da amostra total. Uma análise comparativa foi realizada e as variáveis em negrito demonstraram as diferenças significativas entre os participantes dos dois grupos.

Tabela 6.
Dados Descritivos e Teste T das Variáveis de Diferenciação dos Subgrupos

	Alto EAD (%) (n = 277)	Baixo EAD (%) (n = 277)	Teste T
Sexo	M = 1,30 (0,46)	M = 1,35 (0,48)	-
Feminino	69,7%	64,3%	
Masculino	30,3%	35,7%	
Idade	M = 39,74 (12,08)	M = 41,57 (10,37)	t (550) = 2,773**
21 a 30 anos	28,6%	13,4%	
31 a 40 anos	31,2%	38,0%	
41 a 50 anos	17,8%	24,6%	
Acima de 50 anos	22,5%	23,9%	
Orientação Sexual	M = 1,05 (0,22)	M = 1,04 (0,27)	-

Heterossexuais	94,5%	97,1%	
Homossexuais	5,5%	1,4%	
Bissexuais	0,0%	1,4%	
Status Conjugal	M = 1,46 (0,85)	M = 1,58 (0,93)	t (548) = 1,578
Casados legalmente	76,1%	70,8%	
União estável	19,6%	25,5%	
Noivo	2,9%	1,8%	
Namorando	1,4%	1,8%	
Tempo de Conjugalidade	M = 15,36 (11,87)	M = 16,05 (10,53)	t (552) = 1,025
Filhos	M = 1,25 (0,50)	M = 1,47 (0,43)	t (552) = 5,617*
Sim	52,3%	74,7%	
Não	47,7%	25,3%	
QCP	M = 47,95 (17,04)	M = 40,27 (16,11)	t (552) = 4,456**
Escolaridade	M = 6,67 (0,70)	M = 6,63 (0,62)	t (551) = 0,719
Pós-graduação	79,1%	81,6%	
Ens. Superior Completo	11,6%	11,2%	
Ens. Superior Incompleto	7,2%	6,1%	
Ens. Médio Completo	2,2%	1,1%	
Salário pessoal mensal	M = 4,8 (1,21)	M = 5,0 (1,12)	t (511) = 1,387
Acima de 5 s.m (R\$3391)	66,9%	69,8%	
De 1 a 5 s.m (R\$679 a R\$3390)	30,2%	28,7%	
Até 1 s.m (R\$678)	2,8%	1,5%	
Satisfação no trabalho	M = 4,0 (0,81)	M = 3,6 (0,91)	t (497) = 4,98**
Entre bastante e totalmente satisfeito	72,1%	60,6%	
Razoavelmente satisfeito	25,5%	29,3%	
Nada e pouco satisfeito	2,5% (Pouco)	10,1%	
Condição Financeira	M = 1,3 (0,46)	M = 1,5 (0,50)	t (551) = 4,727**
Satisfeitos	69,2%	49,8%	
Insatisfeitos	30,8%	50,2%	

Nota: EAD. Escala de Ajustamento Conjugal. QCP: Questionário da conjugalidade dos pais.

(*p<0,05 ; **p<0,001).

Conforme Tabela 5, pode-se verificar que os sujeitos do grupo de alta qualidade conjugal eram significativamente mais jovens do que os participantes do grupo de baixa qualidade conjugal. Além disso, o grupo com alta qualidade conjugal apresentou um número significativamente menor de sujeitos que tinham filhos (52,3%) e uma percepção positiva da relação conjugal dos pais (M=47,95, d.p = 17,04). O grupo dos participantes de baixa qualidade conjugal apresentou um número significativamente maior de sujeitos que tinham filhos (74,7%) e uma percepção negativa da conjugalidade de seus progenitores (M = 40,27 d.p = 16,11).

Em relação às condições laborais, observou-se que o grupo de maior qualidade conjugal teve um número significativamente maior de participantes que indicaram estarem bastante satisfeitos e totalmente satisfeitos (72,1%) com o seu emprego e um número menor que indicou estarem insatisfeitos com sua condição econômica (30,8%). Já o grupo

de baixa qualidade conjugal, teve um número menor de participantes que estavam bastante e totalmente satisfeitos com seu trabalho (60,6%) e um número maior de participantes que reportou estarem insatisfeitos com a condição econômica (50,2%).

Realizou-se uma análise discriminante com os subgrupos dos 554 participantes. A análise indicou uma função discriminante que explicou 100% da variabilidade entre os grupos. A função discriminante mostrou-se significativa [$\chi^2(6) = 108,655$; $p < 0,001$] e apresentou uma correlação canônica discriminante de 0,448. Foi encontrado um λ de Wilks de 0,799 que equivale a uma variância explicada de 20%. Conforme tabela 6, classificou-se corretamente 70,3% dos subgrupos da amostra:

Tabela 7.

Classificação dos Subgrupos de Alta e Baixa Qualidade Conjugal

Baixa Qualidade Conjugal	174 (69,3%)
Alta Qualidade Conjugal	172 (71,4%)
70,3% de casos originais agrupados corretamente	

As variáveis relevantes para discriminar os participantes entre os grupos com alto e baixo índice de qualidade conjugal estão descritas em negrito na Tabela 7 e foram consideradas com um ponto de corte no valor de 0,20.

Tabela 8.

Matriz Estrutural da Função Canônica Discriminante

	Função1
Filhos	,469
Percepção da conjugalidade dos pais	,449
Satisfação com o trabalho	,436
Satisfação com a condição econômica	-,413

O grupo de maior qualidade conjugal apresentou centróide de 0,512, enquanto o grupo de menor qualidade conjugal apresentou -0,490. Esse valor indica que os grupos estão afastados, podendo ser discriminados pelas variáveis. O sinal indica a direção favorável a um ou outro grupo. As variáveis *filhos*, *percepção da conjugalidade dos pais* e *satisfação com o trabalho* caracterizaram o grupo de maior qualidade conjugal da amostra. Em contrapartida, apenas a *satisfação com a condição econômica* caracterizou o grupo de menor qualidade.

DISCUSSÃO

Os resultados da amostra geral revelaram que a maioria dos sujeitos vivencia uma experiência de conjugalidade satisfatória, o que é corroborado pela literatura científica. Em realidade, frente a tantas possibilidades e formas de viver a conjugalidade, porque os sujeitos permaneceriam em um relacionamento que não traz contentamento? Atualmente, as pessoas não encontram tantos impedimentos morais, legais e de aceitação social, como em décadas passadas, para separarem-se de seus parceiros e investirem em outra relação. Nesse sentido, compreende-se que só está em um relacionamento conjugal quem realmente deseja e sente-se satisfeito com tal condição (Falcke, Diehl, & Wagner, 2002).

Nessa perspectiva, investigando os fatores que se associaram a maiores ou menores níveis de qualidade conjugal, pode-se constatar que este é um construto complexo e multifacetado. Sendo assim, a qualidade conjugal é um fenômeno influenciado por fatores familiares anteriores a formação do casal, pela experiência atual de conjugalidade e por aspectos referentes a cada um dos cônjuges.

Os aspectos relacionados à família de origem exercem influência na maneira de viver a conjugalidade, conforme foi constatado pela correlação encontrada entre a qualidade conjugal dos sujeitos e a percepção que tiveram sobre a conjugalidade dos seus pais (Cui, Fincham, & Pasley, 2008; Cusimano & Riggs, 2013; Pergher, 2010; Philips, Wilmoth, Wall, Peterson, Buckley, & Philips, 2013; Wagner & Falcke, 2001). Entretanto, considerando a complexidade inerente a qualidade conjugal, é evidente que essa não é uma relação que se estabelece de forma direta, pois muitas outras variáveis dinâmicas e estáticas também interferem na construção da funcionalidade ou disfuncionalidade do casal. Pode-se dizer, então, que o passado se atualiza na interação que se estabelece no relacionamento e, mesmo com certa cautela, influencia em melhores ou piores níveis de qualidade conjugal vivenciada pelos participantes.

A presença ou não de filhos é um dos fatores da realidade atual dos casais que também apareceu como relevante para a compreensão do fenômeno da qualidade conjugal. Assim como demonstrado na literatura científica, percebeu-se que os homens e mulheres *sem filhos* indicaram uma maior qualidade em seus relacionamentos, comparados aos pais e mães da amostra (Lima, 2010, Twenge, Campbell & Foster, 2003). A existência do filho traz um aumento da complexidade na relação, já que há uma diminuição de tempo para investir no espaço da conjugalidade. Nessa perspectiva, os sujeitos devem atentar para a necessidade de equilíbrio entre as demandas de afeto e cuidado com a prole e seu

compromisso com a relação amorosa. Apesar do senso comum levar a crer que o tempo desgasta o relacionamento, vide o aumento do número de divórcios nas últimas décadas (IBGE, 2012), o nosso estudo não corrobora essa idéia, pois não há associação entre o tempo de conjugalidade com a qualidade conjugal reportada pelos participantes. Nesse sentido, pode-se inferir que não é o tempo de relacionamento que importa, mas sim como os cônjuges investem e se disponibilizam para a relação (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin, 2004).

Para além da valorização do espaço conjugal, os dados revelam a importância do investimento individual, tais como a carreira e o trabalho, para a qualidade dos relacionamentos amorosos. A qualidade conjugal não está relacionada com o salário pessoal de cada indivíduo, mas com o nível de satisfação com o trabalho e, conseqüentemente, com a condição econômica dos sujeitos. Nesse caso, pode-se pensar que satisfação gera satisfação. É importante ressaltar que os participantes desse estudo apresentam formação acadêmica e renda superior à da média da população brasileira (IBGE, 2012). Assim, é possível refletir que, garantidas as condições econômicas mínimas para sobrevivência, esses sujeitos tenham a possibilidade de priorizar carreiras e/ou trabalhos que proporcionem satisfação. Dessa maneira, pode-se compreender que esse aspecto reverbera na manutenção das condições e relações familiares, bem como na qualidade da experiência conjugal ao longo da vida.

A amostra total apresentou uma diferença de qualidade conjugal entre homens e mulheres na *faixa dos 31-40 anos*. Percebeu-se que foi nesse período que os homens reportaram a maior qualidade conjugal e as mulheres a menor. Provavelmente, essa assimetria entre homens e mulheres, se deva ao momento do ciclo vital. Nessa faixa etária, as mulheres contemporâneas estão no exercício da maternidade, somando-se múltiplas tarefas, como: realizar atividades domésticas, zelar pela família e saírem para trabalhar fora de casa. Nesse sentido, parece que o homem tem menos ônus em sua vida pessoal e vive um período de consolidação da carreira profissional. Sabe-se que é cada vez maior a participação dos pais no cuidado com a prole, entretanto, a infância dos filhos ainda é uma tarefa primordial das mães (Coltrane, 2000; Souza, Wagner, Branco, & Reichert, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa pode-se compreender um pouco mais a respeito da qualidade conjugal e dos fatores que circunscrevem a qualidade das relações amorosas contemporâneas. As variáveis que discriminaram os grupos revelam o paradoxo vivenciado pelos sujeitos na sociedade. Ao mesmo tempo em que se percebe um investimento no âmbito individual dos cônjuges, pela crescente demanda na consolidação da carreira e satisfação profissional, observa-se o comprometimento e busca pela qualidade da conjugalidade e da experiência do compartilhar e viver a dois. Nesse ensejo, os resultados dessa pesquisa apontam para a importância de três elementos na compreensão da qualidade dos relacionamentos atuais: a família, questões atuais da dinâmica do casal e aspectos da individualidade de cada sujeito envolvido.

Nota-se que tanto aspectos do passado, quanto do presente, se fazem relevantes na construção da conjugalidade. Percebe-se a relevância da vida laboral e econômica, ao mesmo tempo em que, caminham juntas, os modelos familiares e o exercício da parentalidade que demarcam os papéis de homens e mulheres. Esses elementos expressam a complexidade das relações e a multiplicidade de fatores que podem estar agindo para contribuir na experiência dos sujeitos que vivenciam um relacionamento conjugal.

Visto que o casamento é um produto de dois sistemas individuais complexos, torna-se importante o exame de outras variáveis que possam ser propulsoras ou inibidoras da qualidade conjugal, além de pesquisas que abarquem instrumentos e metodologias diferentes dos propostos neste estudo. Ainda, amostra utilizada foi obtida por conveniência e é caracterizada por alto nível de escolaridade e renda. Nesse caso, esse estudo não pode ser discriminante da população geral dos adultos brasileiros.

Os instrumentos, tanto de mensuração da qualidade conjugal quanto da percepção da conjugalidade dos pais, não dão conta de medir objetivamente as relações que perpassam as subjetividades dos sujeitos. Nesse sentido, a fraca associação estabelecida entre esses elementos revela a dificuldade de compreender um fenômeno que não é preciso e mensurável em sua totalidade. Considerando essa limitação, sugere-se a ampliação dos itens e dimensões das escalas de mensuração da qualidade conjugal. Além de incluir questões contemporâneas à conjugalidade, possibilitaria, também, a construção de

instrumentos que caracterizem a população nacional, já que não existem escalas nacionais que avaliem este fenômeno (Rosado & Wagner, manuscrito em construção¹).

Incentiva-se estudos com as metodologias qualitativas para o aprofundamento de outras questões que podem estar associadas a dinâmica das relações conjugais. Também é importante a realização de pesquisas longitudinais para o exame da qualidade conjugal e dos elementos que discriminam os grupos através do tempo. Caso seja feito esse recorte, espera-se encontrar uma investigação mais apurada do fenômeno, revelando diferenças nesse processo que se desenvolve em diferentes períodos do ciclo vital.

A investigação revelou uma realidade difícil de mensurar e delimitar. Nessa perspectiva, entende-se que pesquisar a qualidade conjugal requer estudar diversas variáveis e reconhecer a sua importância. Espera-se que essa pesquisa possa contribuir para reflexões a respeito dos elementos importantes da qualidade conjugal e ajude em diferentes níveis de intervenções que podem ser realizadas com os sujeitos que enfrentam o desafio de viver a dois.

¹ Artigo de dissertação de mestrado: Qualidade, Ajustamento e Satisfação conjugal: revisão sistemática da literatura.

REFERÊNCIAS

- Aboim, S. (2009). Da pluralidade dos afetos. Trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. *Revista Brasileira de Ciência Sociais*, 24(70), 107-122.
- Anton, I. (2000). *A escolha do cônjuge: Um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artmed.
- Amato, P. R., & Booth, A. (2001). The legacy of parents' marital discord: Consequences for children's marital quality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(4), 627-638.
- Ávila, R., Miranda, P., & Juárez, A. (2009). Contribución del número de hijos a la magnitud de la satisfacción marital. *International Journal of Psychological Research*, 2(1), 35-43.
- Bertoni, A., & Bodenmann, G. (2010). Satisfied and dissatisfied couples: Positive and negative dimensions, conflict styles, and relationships with family of origin. *European Psychologist*, 15(3), 175-184.
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 964-980.
- Coltrane, S. (2000). Research on household labor: Modeling and measuring the social embeddedness of routine family work. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1208-1233.
- Corcoran, K. J., & Fischer, J. (1994). *Measures for clinical practice: A sourcebook couples, families and children*. New York.
- Cui, M., Fincham, F. D., & Pasley, B. K. (2008). Young adult romantic relationships: The role of parent's marital problems and relationship efficacy. *Society for Personality and Social Psychology*, 34(9), 1226-1235.
- Cusimano, A. M., & Riggs, S. A. (2013). Perceptions of interparental conflict, romantic attachment, and psychological distress in college students. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 2(1), 45-59.
- Falcke, D., Diehl, J.A., & Wagner, A. (2002). Satisfação conjugal na atualidade. In A. Wagner (Ed.), *Família em Cena. Tramas, Dramas e Transformações* (pp. 172-188). Petrópolis: Vozes.

- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In A. Wagner (Ed.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: Edipucrs.
- Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. (2008). The relationship between family-of-origin and marital adjustment for couples in Brazil. *Journal of Family Psychoterapy*, 19(2), 1-17.
- Féres-Carneiro, T., Ziviani, C., & Magalhães, A. S. (2007) Questionário sobre a conjugalidade dos pais como instrumento de avaliação. In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Família e Casal: saúde, trabalho e modos de vinculação* (pp. 251-267). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferreira, P. M. (2003). Tendências e modalidades da conjugalidade. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, 67-82.
- Fincham, F. D. (2009). Marital happiness In Lopes, J. S (Ed.), *The encyclopedia of positive psychology*, 2, 594-499. New York: John Wile
- Fincham, F. D., & Bradburry, T. N. (1987). The assesement of marital quality: A reevaluation. *Journal of Marriage and The Family*, 49, 797 – 809.
- Fortunato, R. C. (2009). *Ecos da idade, sexo e nível sócio-económico em dimensões da conjugalidade: satisfação, vinculação-afetividade e proximidade*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Espanha.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tathan, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. 6ª edição. Bookman.
- Heller, D., & Watson, D. (2005). Dynamic spillover of satisfaction between work and marriage: The role of time and mood. *Journal of Applied Psychology*, 90(6), 1272-1279.
- Hernandez, J. A. E. (2008). Avaliação estrutural da escala de ajustamento diádico. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 13(3), 593-601.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). *Estatísticas do registro civil 2012*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado em 12 de novembro de 2013, em www.ibge.gov.org.
- Lomando, E., Wagner, A., & Gonçalves, J. (2011). Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(3), 95-109.
- Locke H. J., & Willianson, R. C. (1958). Marital adjustment: A factor analysis study. *American Sociological Review*, 23, 562-569.

- Lima, R. A. (2010). *O texto do desenho do casal no diagnóstico da satisfação conjugal*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo, SP.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325.
- Norgren, M. B. B., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, Natal, 9(3), 585-584.
- Neto, O. D., & Féres-Carneiro, T. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: marcadores e preditores. *Interação em Psicologia*, 14(2), 245-254.
- Pergher, N. K. (2010). Variáveis que devem ser consideradas na avaliação da conjugalidade do relacionamento conjugal. *Revista Perspectivas*, 1(2), 116-129.
- Perlin, G., & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicología Clínica*, 17(2), 15-29.
- Philips, T. M., Wilmoth, J. D., Wall, S. K., Peterson, D. J., Buckley, R., & Philips, L. E. (2013). Reccollected Parental Care and Fear of Intimacy in Emerging Adults. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 21(3), 335-341.
- Rowe, J. F., & Medeiros, L. G. (2011) *Casamento contemporâneo: A escolha dos casais em não ter filhos*. Trabalho de conclusão do curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, SC.
- Rogers, S. J., & May, D. C. (2003). Spillover between marital quality and job satisfaction: Long-term patterns and gender differences. *Journal of Marriage and Family*, 65, 482-495.
- Sanz, P. S. (1984) Trayectoria de la satisfacción matrimonial a lo largo del ciclo vital. *Revista de Psicología General y Aplicada*, 39 (5), 983-995.
- Sardinha, A., Falcone, E. M. O., & Ferreira (2009). As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 95-402.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos (2011). Ajustamento diádico e satisfação conjugal: correlações entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 467-475.
- Scorsolini-Comin, F. (2012). *Família sujeito composto: Conjugalidade dos pais e sua relação com o bem-estar subjetivo e a satisfação nos relacionamentos amorosos dos*

- filhos*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, SP.
- Silva, I. M. da., Mezenes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2010). Em busca da “cara-metade”: motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia*, 27(3), 383-391.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15-28.
- Souza, N. H. S. de., Wagner, A., Branco, B. M., & Reichert, C. B. (2007). Famílias com casais de dupla carreira: e filhos em idade escolar: estudos de casos. *Aletheia*, 26, 109-121.
- Twenge, J. M., Campbell, W. K., & Foster, C. A. (2003). Parenthood and marital satisfaction: A meta-analytic review. *Journal of Marriage and Family*, 65(3), 574-583.
- Umberson, D., Williams, K., Powers, D. A., Chen, M. D., & Campbell, A. M. (2005). As good as it gets? A life course perspective on marital quality. *Social Forces*, 84(1), 493-511.
- Umberson, D., & Williams, K. (2005) Marital quality, health, and aging: Gender equity? *Journal of Gerontology B Psychological Sciences Social Sciences*, 60, 109–113.
- Van Steenberghe, E. F., Kluwer, E. S., & Karney, B. R. (2011). Workload and the trajectory of marital satisfaction in newlyweds: Job satisfaction, gender, and parental status as moderators. *Journal of Family Psychology*, 25(3), 345–355
- Wagner, A., & Falcke, D. (2001). Satisfação conjugal e transgeracionalidade. *Psicologia Clínica*, 13(2), 11-24.
- Ziviani, C., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2011). Sons and daughters’ perception of parents as a couple: Distinguish characteristics of a measurement model. *Reflexão e Crítica*, 24(1), 28-39.

CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar as relações conjugais não foi uma tarefa simples e o caminho dessa pesquisa foi marcado por diversos questionamentos e revelações. A curiosidade e inquietação provocadas pelas mudanças sociais e pelo surgimento das novas formas de conjugalidade marcaram o início desse estudo.

A partir das leituras realizadas sobre a qualidade dos relacionamentos conjugais percebeu-se que pesquisar sobre a qualidade que homens e mulheres reportam em seus relacionamentos atuais é um tema de relevante importância. Visto que a sociedade passa por transformações e vivências plurais, a investigação acerca do “ser feliz a dois” - quais elementos o compõe e como se associam - se fez legítima e contribuiu tanto para o enriquecimento do cenário cotidiano de quem os vivencia, quanto para a clínica e academia.

Inicialmente encontrou-se inúmeras variáveis, construtos e instrumentos, que demonstravam-se, em cada estudo sobre a temática, conflitantes. Tais dificuldades instigaram reflexões que a ciência, até dado momento, parecia não conseguir responder e definir. Nos últimos anos, quais os temas que os pesquisadores consideram relevantes para a compreensão da satisfação conjugal? Quais elementos são fundamentais para a satisfação dos sujeitos em um relacionamento amoroso? Será que, atualmente, os indivíduos que vivenciam uma situação amorosa reportam bons níveis de ajustamento conjugal?

Na tentativa de responder essas reflexões foram propostos os dois artigos desse estudo. O primeiro artigo mapeou – de forma sistemática e organizada – o que vinha sendo pesquisado a respeito do ‘ser feliz a dois’. A partir dessa investigação o que se encontrou não foram respostas prontas e exatas. Percebeu-se a imprevisibilidade da ciência e uma diversidade de fatores que perpassam a realidade e a pesquisa sobre casal e família. Revelou-se, então, a complexidade do estudo e, conseqüentemente, a dificuldade que os pesquisadores e clínicos da área têm em conseguir definir e circunscrever um fenômeno que é tão subjetivo. Ao organizarem-se as temáticas do artigo, tornou-se claro que tentar definir completamente o que permeia o que cada ser humano considera como importante ou não para ser feliz a dois é uma tarefa bem difícil. Fica evidente que o contexto e a história passada e presente trilham o caminho que o indivíduo opta ao longo da vida, seja de maneira consciente ou inconscientemente. Acessar esses níveis não é uma atividade

realizável em sua totalidade e, aceitando essa realidade, é mais suportável compreender os desafios que os indivíduos vivenciam ao ‘serem casal’ e as dificuldades dos pesquisadores em definirem construtos, elaborarem instrumentos, produzir intervenções e entrelaçar as pesquisas com a prática clínica. Nessa perspectiva, e considerado a complexidade das relações humanas, esse primeiro estudo induziu ao desafio de mergulhar nesses desdobramentos e questões que relativizam, a todo momento, a qualidade das relações conjugais contemporâneas. Assim, surge o segundo momento deste trabalho: a pesquisa empírica.

Na tentativa de se aventurar nesse campo, o segundo artigo foi planejado com o objetivo de investigar a reverberação que alguns elementos exercem na qualidade conjugal dos relacionamentos da atualidade. Nesta segunda etapa, várias decisões de pesquisa foram tomadas: desde os elementos a serem associados à qualidade conjugal, os instrumentos, as definições conceituais, até o delineamento metodológico do estudo. A cada escolha realizada, renúncias eram feitas. Abdicar de tantos fatores considerados importantes foi difícil, todavia, aceitando os limites da análise e, com o intuito de delimitar o estudo e circunscrevê-lo a determinado contexto, tornou-se claro que essa decisão foi necessária.

Ao longo da trajetória dessa experiência empírica, muitos aspectos curiosos surgiram. As informações da população a ser pesquisada, a maneira de coletar os dados e os *feedbacks* do questionário aplicado virtualmente foram surpreendentes. Ao escolher a *survey online* como fonte de dados não esperava-se o enfrentamento de tantos desafios. Dúvidas quanto a ética e validade da pesquisa, a recorrente exigência da tradição do papel-e-caneta, as questões familiares defendidas por olhares religiosos, as críticas dos participantes quanto ao tempo de realização do questionário e os belos elogios quanto a temática tão importante do casal e da família, apareceram como aspectos pertinentes e que caracterizaram os dois meses de permanência dessa pesquisa *online*. Juntas, essas questões circunscreveram o estudo em um molde novo, não tradicional e deram um tom especial ao trabalho. Pesquisar através da internet, além de envolver as inquietações citadas, também proporcionou atingir um alto número de participantes. O efeito bola de neve foi sentido, entretanto, as inúmeras listas de e-mails enviados aos diversos programas de Pós Graduação do país, de diferentes cursos, também foram essenciais para captar a grande quantidade de indivíduos envolvidos no estudo.

De modo geral, os resultados dos dois momentos investigativos se complementaram. Ambos os estudos expressam a complexidade de se investigar a temática

justamente por envolver inúmeros elementos que se entrelaçam na união de dois sujeitos, duas vidas, ou seriam mais do que duas?!

Sendo fiel ao estudo teórico, percebeu-se que há uma primazia nas pesquisas enfocando as disfuncionalidades (doenças e conflitos) do casal ao invés dos aspectos positivos e funcionais da relação. Entretanto, conforme os resultados da pesquisa empírica, geralmente, os sujeitos reportam bons níveis de qualidade conjugal, e frente a isso questionou-se: Já que os sujeitos, em sua maioria, estão satisfeitos, porque não estudar o que faz eles permanecerem nessa relação? Quais são os recursos que potencializam a saúde conjugal e reverberam em bons níveis de ajustamento? Muito além de querer encontrar a chave para a satisfação universal e evitar separações e conflitos, as pesquisas nesse campo das potencialidades podem possibilitar aos sujeitos reconhecerem sua subjetividade, sua história de vida, valores, e atitudes e beneficiar escolhas mais funcionais, conscientes e saudáveis para suas relações íntimas. É destaque também que, no artigo empírico, os resultados encontrados corroboram dados que já estão descritos na literatura científica: a importância do trabalho e da família para o ‘ser feliz a dois’.

Frente a esse panorama, este trabalho instiga que profissionais da saúde, professores e pesquisadores invistam em disciplinas, ações e programas de educação para casais, com o intuito de trabalhar as variáveis que permeiam a vida e as relações a dois no cotidiano de todos os sujeitos. Com essas estratégias pode-se atuar no nível de prevenção e impedir danos físicos e psicológicos nos relacionamentos interpessoais. Sem a presunção de ditar receitas, essa pesquisa incita a reflexão sobre as relações de casal e familiares que se estabelecem e se desenvolvem ao longo da vida.

Sabe-se que em países outros países algumas dessas práticas já ocorrem, inclusive com investimentos financeiros e apoio governamental. No Brasil, essas estratégias são escassas e as políticas públicas não investem intensamente nessa área. Além desse suporte, entende-se que é fundamental que a academia e a clínica também se aliem em prol de unir conhecimentos e promover alternativas para que os relacionamentos conjugais tornem-se mais funcionais.

Com essas reflexões, encerro as considerações desta pesquisa. Tendo a ciência de que o conhecimento não para por aqui, narrar a trajetória de construção desse trabalho foi olhar para o passado e perceber-se – no presente – com uma intensa motivação para prosseguir os estudos. Continuar pesquisando esse tema revela a importância das relações conjugais e familiares na vida e saúde dos indivíduos. Construir práticas que auxiliem a formação e manutenção da saúde nessas áreas torna-se, cada vez mais, um desafio e

próximo passo pessoal na busca de compreender melhor o contexto e os sujeitos que vivenciam a complexidade das relações humanas.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A QUALIDADE CONJUGAL: VARIÁVEIS DE CONTEXTO E PERCEPÇÃO DA CONJUGALIDADE DOS PAIS

Pesquisador: Adriana Wagner

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 12699313.3.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 219.561

Data da Relatoria: 11/03/2013

Apresentação do Projeto:

O projeto está apresentado de forma clara, bem fundamentado e justificado.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da pesquisa está claro e consoante com a revisão teórica e com a proposta metodológica. A pesquisa tem como objetivo investigar de que maneira os níveis de qualidade conjugal de homens e mulheres em um relacionamento estável se associam com a percepção sobre a conjugalidade dos seus pais e com as variáveis contextuais que circunscrevem seus relacionamentos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios da pesquisa foram avaliados no projeto, sendo que os riscos são mínimos, uma vez que não estão previstos danos físicos ou psicológicos aos participantes do estudo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa trata de um tema fundamental, a qualidade conjugal de homens e mulheres em um relacionamento estável. O estudo está bem justificado com a apresentação e discussão de outras pesquisas desenvolvidas nesse campo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram apresentados. O termo de consentimento foi escrito

de maneira clara, respeitando as considerações éticas.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto não apresenta pendências ou lista de inadequações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto atende as requisições da ética em pesquisa.

PORTO ALEGRE, 14 de Março de 2013

Assinador por:
JUSSARA MARIA ROSA MENDES
(Coordenador)

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Núcleo de Estudo da Dinâmica das Relações Familiares da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) está coletando informações para o projeto de pesquisa intitulado “A Qualidade Conjugal: variáveis contextuais e percepção da conjugalidade dos pais”. Estamos realizando esse estudo com a finalidade de conhecer opiniões e atitudes de pessoas que vivenciam uma relação conjugal nos dias atuais. As relações amorosas são consideradas significativas para todos os sujeitos, por isso sua colaboração nos ajudará a compreender melhor o funcionamento dos relacionamentos e como eles se desenvolvem.

Se você:

- Está em uma relação considerada estável,
- Mora junto com seu (sua) companheiro (a) no mínimo há seis meses e,
- É maior de 21 anos,

Está convidado (a) para contribuir conosco e enriquecer nosso trabalho!

Ao responder esse questionário você estará submetido a um risco mínimo, uma vez que não estão previstos danos físicos ou psicológicos aos participantes do estudo.

Seus dados permanecerão em sigilo, assegurando sua privacidade, e se você se sentir desconfortável com alguma questão pode optar por não responder ou encerrar sua participação na hora em que desejar.

O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, situado à Rua Ramiro Barcelos, 2600, Fone 3308-5066, aprovou esta pesquisa. A pesquisadora responsável por este estudo é a professora Dr.^a Adriana Wagner, do Instituto de Psicologia da UFRGS. A aluna de mestrado co-responsável pelo projeto é a Juliana Szpoganicz Rosado. Caso queiras contatar com a equipe, isto poderá ser feito pelo telefone: (51) 81454828 e email: julianasrosado@gmail.com.

Participe, sua colaboração é importante!!!

Você concorda em participar desta pesquisa?

Sim

Não

ANEXO C – FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS**CARACTERIZAÇÃO PESSOAL**

1. Sexo: Feminino Masculino
2. Idade (anos): _____
3. Em que cidade e estado(sigla) vive? _____
4. Orientação Sexual:
- Heterossexual Homossexual Bissexual
5. Tem religião? Sim Não
- (- Se SIM – abre uma aba) É praticante da sua religião? Sim Não
6. Escolaridade:
- Ens. Fundam. Incompleto Ens. Fundam. Completo
- Ens. Médio Incompleto Ens. Médio Completo
- Ens. Superior Incompleto Ens. Superior Completo
- Pós-graduação

CARACTERIZAÇÃO ECONÔMICA E DE MORADIA

7. Você mora com seu (sua) parceiro (a)? Sim Não
- (- Se SIM,) Há quanto tempo você e seu (sua) parceiro (a) moram juntos? (ex:
1 ano e 2 meses; 3 anos): _____anos e _____meses.
- (- Se NÃO), Outros parentes moram com você?
- Não Meus pais Meu pai Minha mãe

8. Outros parentes moram com você e seu (sua) companheiro (a)? (Pode marcar mais do que uma alternativa):

- Não Meus pais Meu pai Minha mãe
- Meus sogros Meu sogro Minha sogra Filhos
- Outros _____

9. Você depende financeiramente de alguém? Sim Não
 (-Se SIM,) De quem? _____

10. Você trabalha? Sim Não Sou aposentado.

- (Se SIM,) O quanto você está satisfeito com seu trabalho?

1. <input type="checkbox"/> Nada Satisfeito	2. <input type="checkbox"/> Pouco	3. <input type="checkbox"/> Razoavelmente	4. <input type="checkbox"/> Bastante	5. <input type="checkbox"/> Totalmente Satisfeito
---------------------------------------------	-----------------------------------	-------------------------------------------	--------------------------------------	---------------------------------------------------

- (Se SIM e 'Sou aposentado',) Qual o seu salário pessoal mensal?

- Nenhum
- Até 1 salário mínimo (R\$ 678)
- De 1 à 3 salários mínimos (R\$ 679 a R\$2.034)
- De 3 à 5 salários mínimos (R\$ 2.035 a R\$ 3390)
- De 5 a 10 salários mínimos (R\$ 3391 a R\$ 6780)
- Acima de 10 salários mínimos (R\$ 6781)

11. Assinale as pessoas que colaboram para a renda familiar (Pode marcar mais do que uma alternativa):

- Somente eu
- Eu e meu cônjuge
- Eu, meu cônjuge e nossos filhos
- Meu cônjuge e nossos filhos
- Somente nossos filhos
- Todos os membros que moram na casa

12. Quem tem maior participação na renda familiar?

- Eu Filhos
 Meu cônjuge Outros _____

13. Você está satisfeito com sua condição socioeconômica? Sim Não

CARACTERIZAÇÃO DA SUA RELAÇÃO CONJUGAL

14. Em sua relação conjugal você se considera:

- Casado (a) legalmente Em união estável
 Noivo (a) Namorado (a)
 Solteiro (a) Outro. Especifique: _____

15. Você já foi casado legalmente com outra pessoa? Sim Não

(- Se você NÃO é casado legalmente,) Você tem intenção de casar com seu parceiro (a) atual?

- Sim Não

16. Há quanto tempo você e seu parceiro tem um relacionamento considerado estável (ex: relacionamento fixo, namoro)? Descrever o tempo em anos e meses.

_____ anos e _____ meses.

17. Você se considera satisfeito sexualmente com seu (sua) parceiro (a)?

- Sim, totalmente satisfeito (a).
 Na maioria das vezes me sinto satisfeito (a).
 Não.

18. Você tem filhos? Sim Não

- (Se SIM,) Quantos filhos vocês tem? _____ (caixa resposta indo de 1-10)

- (Se SIM,) Assinale dentre as alternativas aquelas que caracterizam sua prole.
Seus filhos são: (Pode marcar mais do que uma)

	Seus filhos são:
Adotivos	<input type="checkbox"/>
Filhos biológicos do relacionamento anterior	<input type="checkbox"/>
Filhos <u>com</u> meu (minha) parceiro (a) atual	<input type="checkbox"/>
Filhos <u>do</u> meu (minha) parceiro (a) atual	<input type="checkbox"/>

- (Se SIM,) Qual a idade dos seus filhos? Escreva em anos. (Ex: 5 anos, 3 anos..)

- (Se NÃO,) Você tem intenção de ter filhos com seu (sua) companheiro (a) atual?

Sim Não

17. Quantas vezes você e sua (seu) parceira (o) saem de casa após uma briga?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Em geral, quantas vezes você pensa que as coisas entre você e sua (seu) parceira (o) estão indo bem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Você confia em sua (seu) parceira (o)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Você se arrepende de ter casado (ou ir viver junto)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Quantas vezes você e sua (seu) parceira (o) brigam?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Quantas vezes você e sua (seu) parceira (o) irritam um ao outro?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Todo dia	Na maioria dos dias	Ocasionalmente	Raramente	Nunca
23. Você beija sua (seu) parceira (o)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Todos eles	A maioria deles	Alguns deles	Poucos deles	Nenhum deles
24. Você e sua (seu) parceira (o) envolvem-se em interesses externos juntos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

20. Quantas vezes você diria que os seguintes eventos ocorrem entre você e sua (seu) parceira (o)?

	Nunca	Menos do que uma vez por mês	Algumas vezes por mês	Algumas vezes por semana	Uma vez ao dia	Com frequência
25. Têm uma estimulante troca de ideias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Riem juntos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Calmamente discutem alguma coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Trabalham juntos em um projeto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- Existem algumas coisas sobre as quais os casais às vezes concordam e as vezes discordam. Indique se os itens abaixo causaram diferenças de opiniões ou foram problemas em seu relacionamento durante as semanas passadas recentes.

	Sim	Não
29. Estar cansado demais para relações sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Não demonstrar amor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

21. As opções abaixo representam diferentes graus de felicidade em seu relacionamento. O ponto médio “feliz” representa o grau de felicidade da maioria dos relacionamentos. Por favor, indique o ponto que melhor descreve o grau de felicidade, considerando todas as coisas de seu relacionamento.

Extremamente Infeliz	Razoavelmente Infeliz	Um pouco Infeliz	Feliz	Muito Feliz	Extremamente Feliz	Perfeito
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

22. Qual das afirmações seguintes melhor descreve como você se sente sobre o futuro do seu relacionamento?

<input type="checkbox"/>	Quero desesperadamente que meu relacionamento dê certo e faria quase tudo para que assim seja.
<input type="checkbox"/>	Quero muito que meu relacionamento dê certo e farei tudo que puder para que assim seja.
<input type="checkbox"/>	Quero muito que meu relacionamento dê certo e farei a minha parte (o que estiver ao meu alcance) para que assim seja.
<input type="checkbox"/>	Seria bom se meu relacionamento desse certo, mas não posso fazer mais do que já faço atualmente para que dê certo.
<input type="checkbox"/>	Seria bom se desse certo, mas me recuso a fazer mais do que já faço atualmente para mantê-lo.
<input type="checkbox"/>	Meu relacionamento nunca dará certo e não há mais nada que eu possa fazer para mantê-lo.

ANEXO E – QUESTIONÁRIO DA CONJUGALIDADE DOS PAIS (QCP)

27. Por favor, responda cada questão de acordo com a sua impressão sobre a relação conjugal de seus pais, marcando a alternativa mais próxima da sua lembrança dos fatos. Caso seus pais tenham se separado e se recasado quando você ainda era muito pequeno, escolha o casal (pai/madrasta ou mãe/padrasto) com o qual você mais conviveu, como referência para responder o questionário. Caso você tenha crescido com um outro casal (tios, avós ou padrinhos) ou só com um dos pais (pai ou mãe), escolha o casal que ocupou o lugar mais importante para você ao longo do seu crescimento. Em qualquer destes casos, indique a que casal você está se referindo.

Minhas respostas se referem a:

- Meus pais Meu pai e minha madrasta Minha mãe e meu padrasto
 Outro casal - Especifique qual (por exemplo, tios, avós, padrinhos etc.)

Idade: Homem _____ anos. Idade: Mulher _____ anos.

28. Situação Conjugal Atual

- Casados Separados Viúvo Viúva
 Recasados: Homem Mulher Ambos

- Se separados/viúvo(a), qual sua idade á época? (anos) _____ anos.

- Se recasados:

Homem - sua idade à época do 1º recasamento: _____ anos.

Mulher - sua idade à época do 1º recasamento: _____ anos.

29. Responda as próximas questões de acordo com o casal referido na questão anterior:

1- Meus pais faziam surpresas agradáveis um para o outro. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
2- Meus pais saíam com amigos comuns. Nunca <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/>
3- Meu pai dificultava as atividades individuais da minha mãe. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
4- Minha mãe assumia responsabilidade pelo que dizia ou fazia.

Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
5- Meus pais dividiam as responsabilidades no dia-a-dia. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
6- Meu pai falava mal da família da minha mãe. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
7- Meus pais saíam juntos para se divertir, sem os filhos. Nunca <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/>
8- Meu pai demonstrava insegurança na relação com minha mãe. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
9- Minha mãe demonstrava ser uma pessoa feliz. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
10- Meus pais se interessavam pelas questões um do outro. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
11- Meu pai parecia permanecer casado por conveniência. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
12- Meus pais concordavam um com o outro. Nunca <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/>
13- Meu pai agredia minha mãe fisicamente. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
14- A relação dos meus pais parecia tensa. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
15- Meu pai parecia trair minha mãe. Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
16- Meus pais expressavam seus sentimentos um pelo outro. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
17- Minha mãe demonstrava desejo pelo meu pai. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
18- Meu pai parecia confiar na minha mãe. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
19- Meu pai parecia se sentir sozinho. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
20- Meus pais demonstravam ser companheiros. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
21- Entre meus pais existiam sérios conflitos não solucionados. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
22- Meus pais se abraçavam na frente dos filhos. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
23- Meus pais costumavam ficar conversando um com o outro. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>

24- Minha mãe agredia meu pai fisicamente. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
25- Meus pais se ridicularizavam mutuamente. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
26- Minha mãe dificultava as atividades individuais do meu pai. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
27- Minha mãe parecia confiar no meu pai. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
28- Meus pais costumavam rir juntos. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
29- Meus pais tinham “brigas feias”. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
30- Meus pais trocavam carinhos físicos. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
31- Minha mãe saía com amigos/as individuais. Nunca <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/>
32- Meus pais reclamavam um do outro. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
33- Minha mãe demonstrava satisfação com o casamento. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
34- Minha mãe demonstrava ter poder na relação conjugal. Nunca <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/>
35- Meu pai parecia sentir ciúme da minha mãe. Nunca <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/>
36- Minha mãe parecia trair meu pai. Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
37- A relação dos meus pais parecia gratificante para ambos. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
38- Meus pais se agrediam verbalmente. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
39- Meu pai assumia responsabilidade pelo que dizia ou fazia. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
40- Meu pai demonstrava desejo pela minha mãe. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
41- Minha mãe falava mal da família do meu pai. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
42- Meus pais se beijavam na frente dos filhos. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
43- Meus pais passavam o tempo livre juntos.

Nunca <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/>
44- Meus pais eram flexíveis para mudar suas opiniões. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
45- Meus pais contavam coisas engraçadas um para o outro. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
46- Meu pai saía com amigos/as individuais. Nunca <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/>
47- Minha mãe parecia permanecer casada por conveniência. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
48- Meu pai demonstrava satisfação com o casamento. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
49- Meus pais tinham dificuldade de comunicação. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
50- Meus pais discutiam por causa de dinheiro. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
51- Meus pais se elogiavam mutuamente. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
52- Minha mãe demonstrava insegurança na relação com meu pai. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
53- Meu pai demonstrava ser uma pessoa feliz. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
54- Meus pais quebravam objetos quando brigavam. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
55- Meu pai demonstrava ter poder na relação conjugal. Nunca <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/>
56- Minha mãe parecia se sentir sozinha. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
57- Meus pais respeitavam suas diferenças de opinião. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
58- Meus pais pareciam sintonizados. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>
59- Minha mãe parecia sentir ciúme do meu pai. Nunca <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/>
60- Meus pais pareciam felizes com o relacionamento deles. Nunca <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Geralmente <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/>